

Violência

Dados do Ministério da Justiça revelam que Santa Catarina foi o estado campeão em agressões por habitante no ano passado. A posição em relação ao número de homicídios também não foi modesta: sexto lugar.



Carolina Heinzen



Ambiente

A indústria do turismo litorâneo rende lucros, mas gera conflitos sócio-culturais e ambientais. A inexistência de planejamento torna cada temporada de verão pior que a anterior. Mesmo assim, a ocupação intensiva do litoral continua, patrocinada pela especulação imobiliária.



Crianças

Apesar de proibido por lei, a cada ano aumenta o número de menores que trabalham. Em Florianópolis, são mais de 300 crianças pelas ruas nos mais variados serviços. A maioria tem entre 10 e 17 anos.



Márcia Moraes



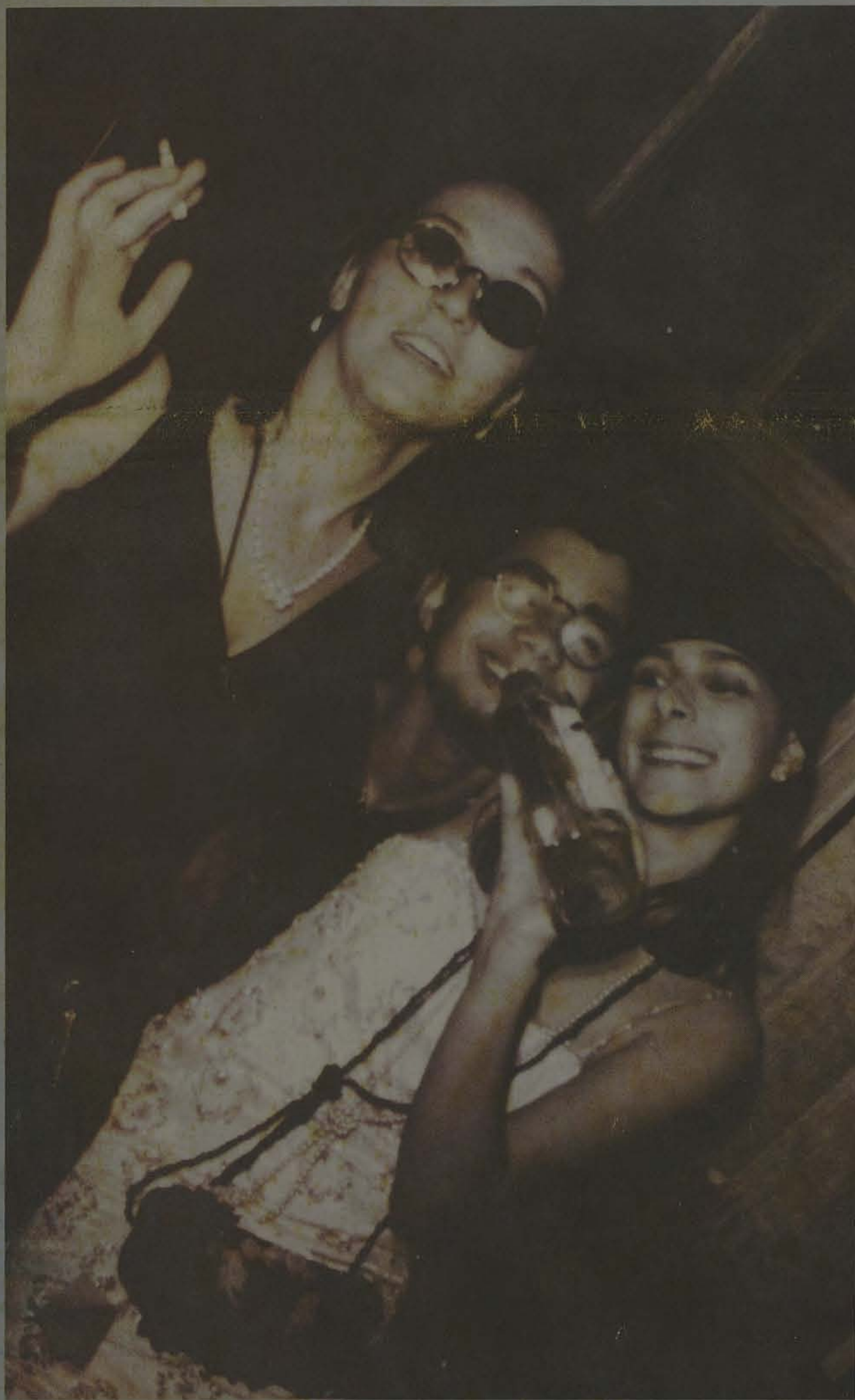
HEMEROTECA =
Curso de Comunicação Social
UFSC

Curso de Jornalismo

Zero

UFSC - Novembro '96

O mundo vive a noite



Silvio Pereira

Um roteiro pela noite de Florianópolis revela o *mix* das tribos

A noite é o ambiente comum onde todas as tribos se divertem. Todas as idades, sons e estilos se encontram. Na noite é que as pessoas se libertam da rotina, extravasam, num ritual frenético onde a palavra de ordem é descontração.

Em Florianópolis o roteiro noturno é bem diversificado. Passear sem destino certo pela noite da capital revela muitas surpresas. Ambientes especializados atendem a todos os estilos, gostos e bolsos. Para aproveitar as opções que a cidade oferece é necessário um roteiro. Os nossos repórteres foram conferir a noite e revelam os points de Florianópolis.



Acima de Zero

O Zero não poderia deixar de estar presente no grande momento que a música teve em Florianópolis este ano: o *Florianópolis in Jazz*. Nomes como Hermeto Pascoal e Egberto Gismonti lotaram as cadeiras do Centro Integrado de Cultura. Nossos repórteres e fotógrafos estiveram lá e registraram as noites em que o som de New Orleans balançou a cidade.



Silvio Pereira

Para muitos, a noite é o espaço ideal para liberar fantasias

Mãos e estômagos à obra

Em algumas profissões, além de habilidade, são necessários nervos e estômago de aço

Numa época em que o desemprego assusta os brasileiros, ainda existem profissões que a maioria das pessoas não exerceriam de modo algum. Ivonete Iracema da Silva, 37 anos, é técnica em análises clínicas do Hospital

Universitário. Urina e catarro fazem parte da sua rotina. "A contaminação pode acontecer no ar", afirma a técnica, que exerce a profissão há dez anos. Rogério Assis, 30 anos, há cinco trabalha como desentupidor de fossas. "Não tem

que gostar ou não", diz. Em alguns casos, a vocação é deixada de lado pela necessidade.



Fátima Pires

Com 15 anos de estrada e doze discos gravados, o Barão Vermelho é um dos grandes nomes do rock nacional. A carreira da banda, marcada por altos e baixos, ganhou novo impulso com o lançamento de álbum, com regravações de antigos sucessos da MPB.



Queridos, encolheu a equipe!



EDITORIAL

Pareceu um parto, mas o Zero finalmente saiu. E de cara, quebrando tradições. As primeiras, e mais visíveis: o logotipo e o formato standard. Optamos por ele, não por mania de grandeza, mas pela vantagem de poder ampliar as possibilidades de diagramação, além de dar maior destaque à produção fotográfica.

Foram quatro noites viradas, com mais de três semanas de busca de matérias, corrida atrás de tempo disponível no laboratório de infogra-

fia, busca desesperada por fotos, repórteres fantasmas... Saindo quase um mês depois do previsto, acreditamos que não conseguimos atingir totalmente o objetivo de apresentar um projeto gráfico diferente. As reportagens, se não são tão quentes quanto às de edições passadas, deram espaço à produção de sala-de-aula.

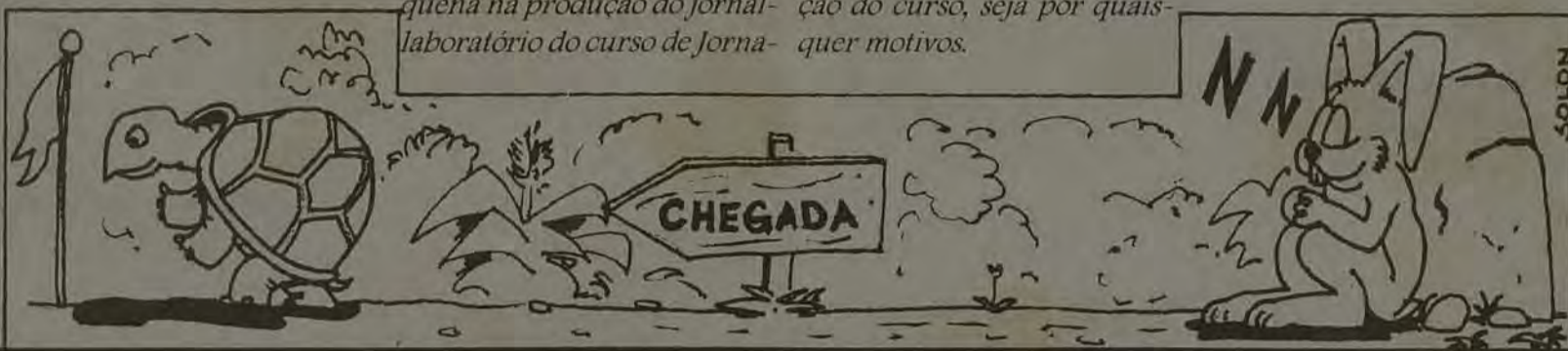
Meio careta? Pode ser. Puderam, talvez seja essa a consequência de ter sido quebrada outra tradição do Zero. Nunca se viu uma equipe tão pequena na produção do jornal-laboratório do curso de Jorna-

lismo, sendo que oito páginas chegaram a ser editadas por uma só pessoa. Notou-se a falta de nomes que antes eram presenças assíduas na reportagem e edição. Na edição passada, o Zero contou com 26 pessoas envolvidas na sua produção, sem contar com os repórteres. Nesta edição, apenas sete pessoas se envolveram.

Boicote? Antes de responder à essa questão cabe avaliar a atitude de futuros formadores de opinião em ausentar-se dessa importante oficina de produção do curso, seja por quaisquer motivos.

Incompatibilidades ideológicas à parte, concluímos a primeira etapa deste semestre. Não perdemos, porém, a oportunidade de agradecer a todos aqueles que se "preocuparam" em saber quando ficaria pronta esta edição. Passaremos agora à fase de avaliação do trabalho que nos foi "confiado" e esperamos que as críticas e sugestões venham acompanhadas de um interesse maior em aprimorar o próximo Zero.

Os Editores



Opinião

TV Inter-Ativa

É, nem só de alienação vive a televisão! O veículo que dita comportamentos e por sua vez, forma opiniões, não faz da realidade do país um filme de ficção. Foi-se o tempo em que éramos meros espectadores, recebíamos a mensagem televisiva e engolíamos a seco. Na verdade, acho que isto nunca aconteceu. O brasileiro, seja ele favelado ou milionário, perdeu a inocência já faz um bom tempo. E a televisão também contribuiu, e por que não, para que essa inocência fosse perdida. Apesar de seus interesses políticos e estratégias para manter no comando "podres poderes", não se pode negar que a velha máquina de fazer doidos tem retratado a violência, a impunidade, a desigualdade e outros males da humanidade através de sua programação diária.

Claro que se formos analisar as novelas globais, encontraremos trechos da história do país distorcidos e romanticamente contados. Mas para um país que não tem memória, o simples fato desses acontecimentos serem lembrados já é um avanço e uma prova que desmente a chamada alienação atribuída a televisão. "O Rei do Gado" está aí, e não me deixa mentir. A reforma agrária e o movimento sem terra nunca foram tão discutidos. Que seja através de uma sem terra bem cuidada e ariana como a atriz Patrícia Pillar, ou na forma de um senador da República bem intencionado e preocupado com as causas

nobres do Brasil como o ator Carlos Vereza. Ou, ainda, que o próprio líder do movimento acredite que o governo final-

ários do mundo são bonzinhos, generosos e charmosos como o ator Antônio Fagundes. O importante, neste caso, é que conflitos brasileiros estão em voga todos os dias na TV, fazendo com que não nos esqueçamos mesmo dos trabalhadores mortos em Eldorado dos Carajás.

Se falarmos do horário eleitoral gratuito, então, a televisão de alienadora não tem nada. Nunca tão visto antes quanto nestas eleições, o horário passou a ser um instrumento de "tira a máscara você também". E, se o brasileiro, inocentemente (o que não creio!), acha que ataques pessoais de candidato para can-

didato são pura baixaria, para mim tudo isto é, no mínimo, interessante e enriquecedor. Não nos deixando esquecer que a televisão é um trampolim para o poder sim, e que como Fernando Collor de Mello usou a máquina alienadora, outros virão em forma de aspirantes a prefeito desta cidade.

Por isso, acreditar que a televisão é capaz somente de alienar e/ou formar opiniões é a mesma coisa que achar que o mocinho da novela "O Rei do Gado" morreu num desastre aéreo e não mais apareceria nos capítulos da trama. Ou que candidatos a prefeito não são políticos, mas técnicos competentes que fizeram e farão muito por Florianópolis.

Ana Paula Barreto
estudante de jornalismo

"O horário político nunca foi tão visto e passou a ser um instrumento de tire a máscara você também"

mente se preocupa com o problema, porque determina que o exército doe terras (improdutivas, logicamente!) para o assentamento dessas famílias. Quem sabe também, acreditaremos que todos os latifundi-

Caso Watergay

É no mínimo curioso que os supostos responsáveis pela publicação de um jornal de conteúdo discriminatório venham posar de defensores da liberdade de imprensa. Desde quando a imprensa se presta a propagar valores de exclusão que decretam o isolamento de uma parcela numericamente significativa da população e que vem, finalmente, se destacando e mostrando a cara em todas as áreas que a heterossexualidade tomou como exclusiva? Temo pelo futuro (assim como lamento o presente) da imprensa quando vejo quem serão os futuros profissionais.

Patrícia Chivolle
Florianópolis

O Curso de jornalismo da UFSC, que forma os melhores profissionais do Estado e alguns dos melhores do país não pode perder tempo discutindo algo tão óbvio: a liberdade de imprensa. Se as minorias tem direito de se manifestar, a maioria heterossexual, que não vai contra à lei de Deus e da natureza, também tem direito de responder a essa manifestação, na maioria das vezes, provocativa.

Arthur De Oliveira
São José

Zero Rumo ao ISO

Considero o Zero um dos melhores "produtos" que a UFSC oferece à sociedade. Sem dúvida, um espaço de aprendizado, ao mesmo tempo que oferece informação de qualidade à população. Continuem com esse trabalho de primeira.

Lucia Arruda
Florianópolis

Te cuida, Paulão!

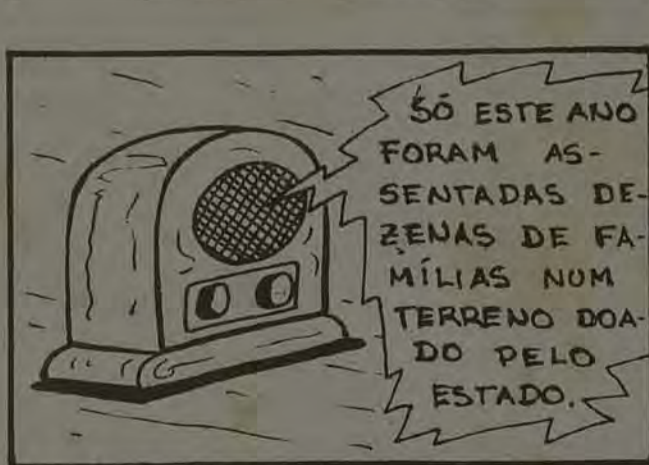
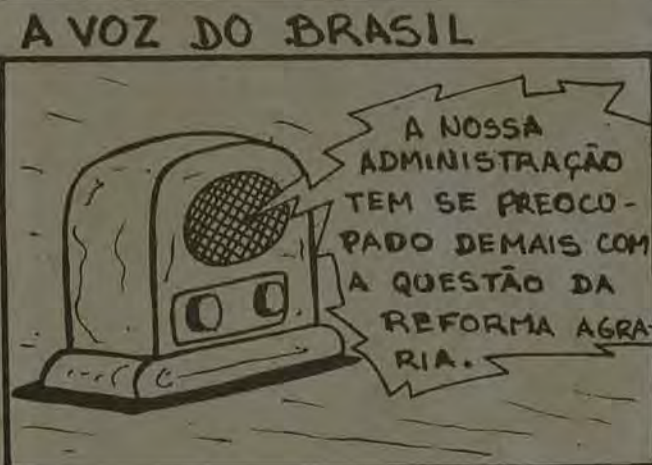
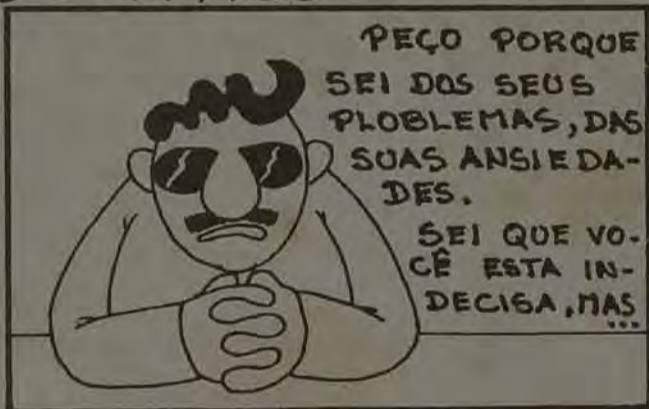
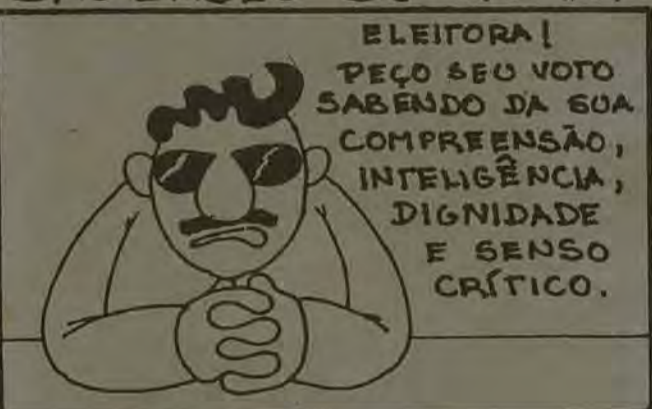
Lamentável a atitude dos universitários. O ensino público gratuito nunca esteve tão na iminência da extinção e todos fingem que não é com ninguém. Atitudes isoladas da UNE não vão segurar o rojão por muito tempo. É preciso abrir os olhos.

Anderson Jordan
Florianópolis

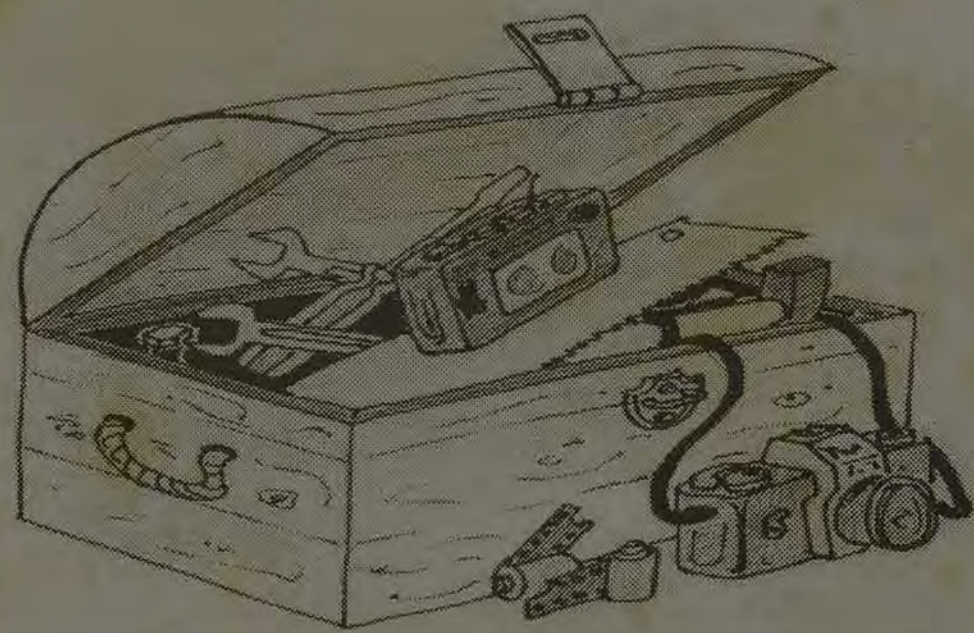
ERRAMOS

Na última edição, o Zero publicou, na reportagem central - O mundo de R\$ 6 milhões -, sobre a campanha publicitária do governo estadual, uma foto onde aparece o estudante haitiano, da 8ª fase do curso de Engenharia Elétrica da UFSC, ao lado de outros universitários negros. Ele esclarece que não participa de nenhum movimento de esquerda e que apenas quis colaborar com a repórter fotográfica do jornal.

SAUDADES DO HORÁRIO POLÍTICO



Solon Soares



ExpedientE

JORNAL LABORATÓRIO DO CURSO DE JORNALISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Novembro de 1996

Arte: Solon Soares
Colaboração: Joice Sabatke, Beatriz Prates, Ivan Jerônimo e Christina Valadão
Capa: Allayn Rothermel
Capa Acima de Zero: Fátima Pissarra
Edição: Allayn Rothermel, Fátima Pissarra, Marco Aurélio Silva, Marina Moros, Solon Soares e Patrícia Francallacci
Edição de texto: Allayn Rothermel, Fátima Pissarra e Marco Aurélio Silva
Edição de Geral: Marco Aurélio Silva
Edição do Acima de Zero: Fátima Pissarra
Edição de Fotografia e Tratamento de fotos: Marina Moros
Laboratório Fotográfico: Marina Moros e Fátima Pissarra

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica: Allayn Rothermel, Fátima Pissarra e Marco Aurélio Silva
Montagem: Marco Aurélio Silva
Revisão final: Marco Aurélio e Fátima Pissarra
Supervisão: Prof. Carlos Locatelli
Redação: Curso de Jornalismo, CCE - UFSC, Trindade, Florianópolis/SC - CEP 88040-900
e-mail: a9318325@mbx.cce.ufsc.br e a9418300@mbx.cce.ufsc.br
Telefones: (048) 231-9215 e 231-9490
Fax: (048) 231-9988
Fotólitos e impressão: Jornal A Notícia
Tiragem: 5 mil exemplares
Distribuição Gratuita - Circulação dirigida

Violência

ESPECIAL

Cai o mimito

Dados do Ministério da Justiça desmentem a fama: Santa Catarina não é mais um estado pacato

pouco não acabou em homicídio. E no item homicídio Santa Catarina emplacou a sexta posição no ano passado - foram 2131 mortes (44 para cada 100 mil habitantes). O Estado foi considerado o mais agressivo, mas não é onde se matam mais pessoas. Este é um dos aspectos curiosos que aparecem nos dados do Ministério da Justiça. Rondônia, por exemplo, teoricamente menos agressivo que Santa Catarina, é o segundo estado no país em número de assassinatos. Até o Rio de Janeiro, recordista em homicídio (11.804 registros), tem menos agressões por habitante. "No Brasil as fontes estatísticas não são confiáveis no que se refere à violência", analisa a coordenadora do Núcleo de Estudos Interdisciplina-

res sobre a Violência, da UFSC, Sônia Terezinha Felipe. "Além de não haver cultura de registros em alguns Estados, não há um sistema padronizado dos Boletins de Ocorrência (BOs)", explica Sônia.

Os dados do Ministério da Justiça são baseados em BOs enviados através dos governos estaduais. E o

lemon Menezes, admite a existência de contradições. "Os dados são oficiais, não totais", esclarece. As estatísticas fazem parte de um programa de informações sobre a criminalidade no país e começou a funcionar há um ano e meio. Foram mandados, no início de 1995, formulários para todos os Estados brasileiros. Alguns voltaram incompletos. Outros, com todos os dados solicitados. Houve, no entanto, estados que nem responderam, como Piauí, Maranhão e Goiás.

Mas isso não livra Santa Catarina de uma péssima imagem. O Estado pode não estar, de fato, entre os primeiros. Mas a violência acontece e está crescendo: em 95 aconteceram 253 homicídios a mais que em 94. E não é preciso que jovens, num barzinho da Beira-Mar Norte, em Florianópolis, sejam assassinados por assaltantes, como aconteceu recentemente em São Paulo, para a violência tornar-se evidente. É certo que Santa Catarina não chegou numa escala de violência como no Rio e em São Paulo, mas ela acontece.

Em 1995, Santa Catarina teve 2131 homicídios (626 dolosos, 1505 culposos)
Fonte: Ministério da Justiça

Cachorro - Há cinco meses, em Florianópolis, a briga por um cachorro provocou a morte de um homem e, por pouco, seu filho também não foi assassinado. O crime aconteceu no dia 12 de maio. Em comemoração ao Dia das Mães, o aposentado Osvaldo Ferreira, 42 anos, preparava um churrasco para sua esposa, a cozinheira Margarete Ferreira, 37 anos. Eles e os filhos estavam no quintal da casa, no Saco Grande II, quando ouviram gritos do seu cachorro, o Faisca. O filho mais velho foi ver o que estava acontecendo. Viu o vizinho, conhecido como Márcio, jogar um tijolo no animal por ele ter invadido seu terreno.

Quando Osvaldo e o filho pediram para Márcio não maltratar o animal, foram alvejados com cinco balas de um revólver calibre 38. "Ele atirava como um louco. Só vi a fumaça saindo da roupa do meu filho e do meu marido", narra a viúva. Osvaldo Ferreira morreu com um tiro certeiro no coração. Márcio fugiu e só se apresentou, dois meses após o assassinato, em juízo. Espera o julgamento em liberdade. "Não quero vingança, não quero mais violência, só quero que a justiça seja feita", diz chorando Margarete, que agora mora com os três filhos, na casa da mãe. "A culpa não é da polícia, é da justiça", indigna-se a mãe de Margarete, Otília Furtado Goes, de 72 anos. Mãe e filha reclamam que ainda têm medo do assassino, que é conhecido na região por fazer ameaças aos vizinhos.

Stress - Assim como Osvaldo Ferreira, 47 mil pessoas morrem todo ano por causa da violência no Brasil. É a segunda causa mortal - só perde para o infarto. Por, 38% dos assassi-

nados têm entre 14 e 19 anos. E, ao contrário do que se pensa, os problemas sociais, como miséria, marginalidade, drogas e desemprego não são determinantes na explicação da criminalidade, embora contribuam. Pelo menos é o que defende a professora Sônia Felipe. Ela atribui toda onda de violência, aumentando no mundo inteiro, a um único fator: o stress. "A falta de emprego, de dinheiro atua sobre o psiquismo. A violência é o limiar do stress", argumenta.

A mídia é aguçadora desse processo, segundo Sônia. "Enfiam, já no café-da-manhã, cadáveres empilhados", salienta. Ela ratifica que a miséria não é causa isolada da criminalidade citando países como Índia, Gana e Paraguai, que têm de cinco a dez vezes menos crimes que o Brasil. Segundo a professora, seria uma catástrofe humana se fosse este o fator determinante dos crimes. "São 50 milhões de pobres no Brasil. Se pobreza fosse sinônimo de violência, estaríamos perdidos", conclui.

Já o sociólogo Fernando Ponte de Sousa, que fez mestrado e doutorado sobre a violência, não vê o stress como fator determinante. Considera-o mais um fator, apenas. Para ele a criminalidade está mais associada ao desemprego. "Para não morrer de fome as pessoas cometem atos ilícitos", comenta. Ele prevê que logo acontecerá uma campanha para pena de morte e pedidos para que o Exército vá para a rua, como aconteceu na década de setenta.

Naquela época, segundo o sociólogo, foi feita uma estratégia do governo para desviar a atenção do povo. Preocupados com medidas de segurança, deixaram os problemas de custo de vida em segundo plano. "Agora isso se repete, só que o problema é a falta de emprego", analisa. Assim, Fernando Sousa acha que a violência só será amenizada com mudanças político-econômicas. "As causas são sociais. As soluções teriam que ser sociais. Não adiantam, por exemplo, ações policiais", argumenta.

Polícia - Responsável pela queda da criminalidade em até 39% na cidade de Nova York, William Bratton tornou-se o policial mais famoso do mundo. Agora dá consultoria dentro e fora dos EUA. Ao contrário do sociólogo Fernando Sousa, ele não acredita que a solução para violência esteja numa sociedade sem desemprego, mas sim numa boa e respeitada polícia. Embora também considere os problemas sociais. Bratton segue a filosofia de um dos mais requisitados pesquisadores americanos, David Bayley, que dizia: "A polícia não consegue evitar o crime. Os especialistas e a polícia sabem disso, mas a opinião pública não sabe". A estratégia usada pelo ex-chefe de polícia de NY foi baseada na aposta no policiamento preventivo

vo e visar mais os pequenos delitos, o que ajudou a diminuir os grandes crimes. Bratton ainda aumentou o efetivo e melhorou os salários dos policiais.

Prevenção - Segundo o comandante da Polícia Militar de Santa Catarina, coronel Wal-mir Lemos, o método de Bratton não é novidade. "Com os recursos que eles têm, não é difícil chegar naqueles resultados", comenta. Ele confessa que a PMSC, agora, está precisando de equipamento. "Não adianta, por exemplo, ligar para policiais no 190 e não ter uma viatura", explica. E quanto ao policiamento preventivo, o coronel afirma que já é utilizado no estado catarinense. "Trabalhamos preventivamente. Há policial no jogo de futebol, no trânsito, nos bairros. A presença do policial inibe o marginal", diz.

Mas o ato de prender um criminoso não implica em sua saída das ruas. Ai entram o sistema Legislativo e o Judiciário. Dos 775 infratores conduzidos aos distritos no mês de julho deste ano, em média 90% estão soltos. "Então é a polícia a culpada pela insegurança?", indaga o coronel Walmir Lemos.

A secretária de Segurança Pública de Santa Catarina, Lucia Stefanovich, acredita que existam falhas no sistema Legislativo. "Espero, e é preciso, que a Legislação Penal seja atualizada", diz. Ela contesta os dados oficiais referentes ao Estado catarinense. "Não corresponde a nossa realidade", justifica. Quando os dados foram enviados ao Ministério da Justiça, Lucia Stefanovich ainda não tinha assumido a Secretaria.

VIOLÊNCIA À VISTA

Homicídios em 1995 no Brasil: 46.385
Em 1994 foram registrados 39.698 um acréscimo de 20%.

Ameaças de morte no Brasil 167.075
SC - 28.735 ameaças, é o segundo no país.
Perde para MG com 32.897 registros
Fonte Ministério da Justiça

De janeiro a julho, na Grande Florianópolis, foram registrados: 10 homicídios 2.352 lesões corporais 11 suicídios
Fonte: Polícia Militar

Briga de bar. Briga entre vizinhos. Briga entre marido e mulher. Briga no trânsito. A vida mostra que o brasileiro não é de paz, ao contrário do que se diz. E muito menos os catarinenses, conforme mostram as estatísticas oficiais: o estado registrou o maior número de agressões por habitante no país em 1995, 362 para cada 100 mil pessoas. E a violência não pára por aí. De acordo com dados apresentados pelo Ministério da Justiça, Santa Catarina tem ainda a quarta maior taxa de suicídio no país. Perde só para Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Em 1995 foram registrados no Brasil 393.214 agressões, 17.580 delas em Santa Catarina. Neste ano, só na Grande Florianópolis já foram somadas, até julho, 2.352. Um desses casos aconteceu há um mês. Foi uma briga entre dois homens que disputaram uma vaga no estacionamento do supermercado Santa Mônica, em Florianópolis. O juiz aposentado, que prefere não se identificar, esperava para estacionar seu Kadett quando o motorista de um Uno entrou na mesma vaga. Encostados os carros, o dono do Uno se irritou, saiu pela janela e quebrou o vidro do Kadett com um pontapé. Agrediu o juiz e só fugiu quando percebeu que ele ligou para a polícia através de um celular. "Fiquei abismado com a violência do rapaz. Acho que estava drogado", conta indignado o juiz. O caso foi parar em juízo e o rapaz teve que pagar multa. Por



Margarete e Faisca: a viúva e a causa de uma morte absurda



Margarete Ferreira: "Vi a fumaça saindo da roupa do meu filho".

POLÍCIA DE MENOS

A PMSC tem um efetivo de 12.850 homens
Na Grande Florianópolis, 1PM/188 hab.
Em Pomorode, 1PM/1860 habitantes.
Em Joinville, 1PM/662 habitantes.
Em Criciúma, 1PM/750 habitantes.
A ONU considera o ideal um policial para cada 250 pessoas.
Fonte Polícia Militar de Santa Catarina

Sandra Vicira
Carolina Heinen



20% a mais de homicídios no Brasil

Às margens da lei

O Estatuto da Criança e do Adolescente, em vigor desde 1990, não garante a dignidade de menores de rua em Florianópolis



Mais de 300 crianças estão nas ruas da Capital, em subempregos. O Estatuto por enquanto é só uma lenda

O que é o Conselho Tutelar?

O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente. A Prefeitura Municipal tem que garantir o funcionamento desse órgão, que é formado por cinco conselheiros na Ilha e cinco no Continente. Suas funções básicas são:

- Atender os casos de violação dos direitos da criança;
- Fiscalizar os programas de atendimento à criança e ao adolescente;
- Realizar um diagnóstico mensal sobre a situação do menor dentro do município.

Casa da Liberdade O outro lado da moeda

Fundada em 1993, a Casa da Liberdade é um exemplo de resgate de cidadania. A casa é mantida pela Prefeitura Municipal, em parceria com a Fundação Franklin Cascaes, Fundação Municipal de Esportes e a Associação Florianopolitana de Voluntários. Segundo a coordenadora da Casa da Liberdade, Silvanira Lisboa Scheffler, o programa oferece uma perspectiva de futuro para menores e adolescentes.

Atualmente a Casa da Liberdade desenvolve trabalhos com 231 crianças. Segundo Silvanira são crianças de rua, que já perderam completamente o vínculo com a família e moram em albergues, menores que estão na rua para ajudar a família e meninas e meninos de comunidades carentes. A filosofia adotada pela casa é que o professor deve estar sempre presente durante as atividades, inclusive as refeições. "Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, provou que a criança que faz pelo menos uma refeição junto com os pais é a que tira melhores notas na escola", afirma a coordenadora.

Na Casa da Liberdade as crianças recebem alimentação, tomam banho e realizam atividades culturais e esportivas. São oferecidos cursos de informática a nível de digitação e alfabetização, corte e costura, pedicure e manicure. Além disso a casa mantém oficinas de encadernação, reciclagem e trabalhos com mármore. As crianças menores de 14 anos passam meio período na casa, estudam em escolas formais e a noite voltam para suas casas ou albergues. Os maiores de 14 freqüentam a casa para realizar os cursos. Outro trabalho importante são os grupos de psicologia e sexualidade, onde a criança pode expressar suas opiniões e ser devidamente orientada.

M.C.

Elas estão nas ruas, nos terminais de ônibus, no Mercado Público, na Praça XV. São crianças entre nove e 14 anos, que trabalham e constroem outra face da sociedade. No ano em que a Unicef (órgão internacional que defende os direitos da criança) completa 50 anos, não há muito o que se comemorar. São aproximadamente 300 meninos e meninas que estão nas ruas de Florianópolis, sem perspectiva de um futuro melhor. Por outro lado, há pessoas que se empenham e travam uma luta constante para combater essa realidade.

É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz. É o que determina a Constituição Federal (ver abaixo) e o artigo 60 do Estatuto da Criança e do Adolescente. No entanto, as leis que protegem o menor não são colocadas em prática. Segundo uma pesquisa, realizada entre fevereiro e março desse ano (ainda em fase de organização) pelo projeto Abordagem de Rua (um programa da Prefeitura Municipal), somente no centro da cidade 343 crianças trabalhavam em subempregos como vendedoras de doces, jornais e engraxates, e, além disso, muitas delas pediam esmolas. Das 343 crianças, 68 eram pedintes, 15 eram engraxates, 12 vendiam jornal, seis distribuíam panfletos e o restante, por ser uma época de muito calor, vendiam picolé, sorvete e água. Essas crianças tinham idade entre 10 a 17 anos, sendo que 85% eram de 10 a 12 anos. Essa situação perdura o ano inteiro. A escola, a convivência em sociedade e com a família são substituídas pelo aprendizado na rua.

Segundo a coordenadora do projeto Abordagem de Rua, iniciado no

final do ano passado, professora Liane Pinheiro Espinosa, graduada em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas (RS), o relatório final da pesquisa será repassado ao Conselho Municipal do Direito da Criança e do Adolescente. "O objetivo é acionar o Conselho para que



Poucos conciliam trabalho e estudo

ele crie uma política para resolver esse problema", diz Espinosa. Com o relatório, que está sendo elaborado por seis pessoas contratadas pela Prefeitura Municipal, o Conselho vai realizar uma conferência em outubro para traçar diretrizes para a resolução da questão dos menores que trabalham nas ruas.

S.R.V., 10 anos, é uma dessas crianças. A menina trabalha no Terminal Cidade de Florianópolis, desde os oito anos, para ajudar a mãe e o padrasto. Toda a família sobrevive com a venda de doces no Terminal. "Não

sou obrigada a vender. Minha mãe nunca me bateu quando chego em casa sem ter vendido muita coisa", diz S.R.V. Ela conta que já morou em Porto Alegre e em Imbituba. Quando chegou em Florianópolis morou embaixo da ponte. Hoje ela mora de aluguel na rua Conselheiro

Mafra, no centro da cidade. S.R.V. trabalha o dia inteiro e só para as 22h. Segundo ela, está fora da escola porque não conseguiu vaga em nenhuma instituição do município. S.R.V. não tem horário fixo para trabalhar e nas horas de folga gosta de assistir televisão. "Gosto do que faço. Mas tenho vontade de estudar".

Denúncias - O artigo 131 do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece a criação, nos municípios, de um Conselho Tutelar (ver box ao lado). Segundo um dos conselheiros do órgão que funciona em Florianópolis, Carlos Alberto Veloso, o Conselho Tutelar atua com base

nas denúncias feitas pela comunidade. Só no mês de julho, foram registradas 160 denúncias. Segundo o conselheiro, que tem nível escolar secundário e pensa em fazer Economia na UFSC, as denúncias que chegam ao Conselho são referentes ao desaparecimento de menores, fuga do lar e uso de drogas. "Esses casos nos levam sempre as crianças que estão trabalhando nas ruas", observa Veloso. Para ele, que também faz parte do Comitê Independente dos Direitos da Criança e do Adolescente, órgão que funciona junto a co-

munidade Monte Serrat, os programas da Prefeitura Municipal que tratam dessa questão não dão resultados. "Esses programas de proteção e amparo ao menor, acabam nivelando por baixo. Enquanto que as crianças da classe média e alta freqüentam cursos de informática, os menores carentes aprendem ofícios como marcenaria e encadernação. Esses serviços impõem condições de vida inferiores para essas crianças", critica o conselheiro.

Veloso lembra do caso de atuação do Diário Catarinense no final do ano passado, por exploração de menores. "O caso não deu em nada". O jornal emprega menores para trabalhar nas ruas vendendo jornal. Na época, a direção do jornal defendeu-se dizendo que contratava os pais e esses é que obrigavam os filhos a trabalharem nas ruas.

Omissão - Desde o início do ano, o Conselho Tutelar recebeu apenas uma denúncia ligada diretamente ao trabalho irregular de crianças. A menor Juliana (nome fictício), 9 anos, foi estuprada enquanto trabalhava no Terminal Cidade de Florianópolis. Ela foi encontrada no banheiro do Terminal Rodoviário Rita Maria. "A criança estava passando mal e sangrando muito", lembra Veloso. Segundo o conselheiro, o estupro não foi identificado. Juliana foi encaminhada para o S.O.S. Criança onde recebeu ajuda psicológica e acompanhamento. No ano passado, apenas 4 denúncias de trabalho irregular foram recebidas. Segundo o coordenador do setor de fiscalização do SUSP, Valdir Machado, o artigo 15 da Lei Orgânica do Município, proíbe qualquer pessoa de vender coisas nos terminais. Machado afirma que o órgão não prevê o trabalho de menores. Para ele, a responsabilidade é dos órgãos municipais de proteção ao menor. O coordenador lembra que numa blitz

no Terminal Cidade, quando os fiscais iam jogar uma caixa de papelão no caminhão do lixo, encontraram uma criança recém nascida dormindo. Segundo Machado, a mãe havia colocado o bebê ali, enquanto vendia balas.

Para amenizar o problema dos menores, a Prefeitura Municipal, em parceria com outras entidades, mantém programas como a Casa da Liberdade (veja box ao lado) e os Guias Mirins. As crianças que trabalham como Guias Mirins recebem R\$ 60,00, além das gorjetas, uma refeição diária, roupas e freqüentam a escola. Elas trabalham no terminal Rita Maria, exercendo funções como auxílio no carregamento de bagagem, organização dos carrinhos e fornecimento de informações sobre o próprio terminal. Num projeto especial, os guias mirins acompanham passageiros que passam mal, juntamente com um motorista (colocado à disposição pela Prefeitura) até os hospitais mais próximos da rodoviária. Atualmente o programa emprega 54 crianças entre 12 e 15 anos. "O objetivo é tirar essas crianças das ruas e fornecer a elas noções de disciplina, organização e socialização", explica Ivonete, a coordenadora dos trabalhos.

Luciano da Rosa Garcia, 15 anos, é um dos menores que trabalham no projeto Guias Mirins. Ele está na 4ª série do supletivo no SESC, o que conseguiu também através do projeto. Luciano mora no Sertão do Imarui com a mãe, para quem dá a metade do seu salário, e com mais cinco irmãos. Feliz com a função que está exercendo, Luciano já pensa no futuro. "Quero ser eletricitista como meu pai", diz.

Marcela Cornelli
Sandro Braga



Alguma coisa está fora da ordem...

Apesar de proibido pela Constituição cresce o número de menores que trabalham

A Constituição Federal proíbe que menores de idade trabalhem. O artigo 7, inciso XIXI diz: É proibido trabalho noturno, perigoso e insalubre para menores de 16 anos, salvo na condição de aprendiz. Para a doutora em Direito da Criança e professora da UFSC, Josiane Rose Petry, se um juiz quisesse cumprir a Constituição, colocaria todo o Poder Executivo na cadeia. Segundo ela, a lei não está somente preocupada com a segurança da criança, mas também com a formação de sua personalidade, por isso é assegurado ao menor um trabalho onde ele possa aprender uma profissão. Petry coloca que aos aprendizes maiores de 14 anos é assegurado salário integral, direi-

tos trabalhistas e previdenciários iguais ao trabalhador, além de um horário flexível e especial, para que ele possa conciliar o trabalho com o estudo. "Na minha opinião, os menores devem estar integrados dentro de um projeto maior, que ofereça cursos profissionalizantes para maiores de 14 anos e oficinas de arte e cultura para os menores de 14", ressalta a professora.

Segundo Petry, o Governo Estadual e a Prefeitura Municipal deveriam adotar políticas públicas adequadas para essa massa que cresce cada vez mais. "Florianópolis, por ser um pólo turístico, deveria oferecer a esses adolescentes cursos profissionalizantes em hotelaria e turismo", diz. A

Dra. acrescenta que nesses cursos os adolescentes poderiam aprender sobre a história, a geografia e a cultura da Ilha. De acordo com ela, países como o Japão e a Holanda, já investem na formação de mão-de-obra qualificada e inclui nesse projeto as crianças e os adolescentes de rua.

M. C.



Terminais de ônibus: local de trabalho

profissões rejeitadas

Operação mãos sujas

Algumas profissões, apesar de extremamente necessárias, são rejeitadas pela maioria das pessoas. Às vezes, até mesmo por quem as exerce

GERAL

mo numa época em que o desemprego cresce assustadoramente, que poucas pessoas se imaginariam fazendo. Jamais fariam. Mas essas duas profissionais admitem que o que fazem é por opção, não por necessidade.

Aparecida trabalha de segunda a sexta-feira no setor parasitológico do laboratório. Há 12 anos na área, está há dois no HU. Seu salário é de R\$ 450,00. Como técnica ela prepara o material que chega para ser examinado pela bioquímica. Primeiro pega o excremento e o coloca em outro pote com água para ser diluído. Passa por um filtro e o deixa repousar por uma hora. Então coloca as fezes na lâmina e leva para ser examinada num microscópio. Em média são de 30 a 36 poínhos que chegam todas as manhãs. "Tem muito aluno que vem fazer aula prática aqui e põe a mão no nariz", comenta. E realmente o cheiro é forte, mas a técnica diz estar adaptada. "Já me acostumei com o cheiro", explica. Acostumada também com o que vê. É normal, por exemplo, aparecerem nas fezes analisadas resíduos alimentares, como feijão, mamão e carne. Porém, da mesma forma que um bancário, um professor ou um motorista, depois de concluir seu trabalho, Aparecida vai almoçar. "Não me incomoda, nunca deixei de comer por isso", diz ela.

Vocação - Considerado seu tempo de serviço, Ivonete Silva tem um salário mais generoso: R\$ 700,00. Executando sua função com entusiasmo, diz não se imaginar fazendo outra coisa. "Às vezes, em casa, penso em como deve ser bom trabalhar de

secretária, tudo limpinho. Mas no outro dia tenho vontade mesmo de vir trabalhar aqui", confessa. Além de escarro e fezes, ela trabalha com secreção vaginal e uretral, secreção dos ouvidos e do olho, sangue e esperma. Ivonete lembra de uma situação, em sua profissão, em que "sentiu pena, não nojo", como gosta de frisar. Ela teve que esmagar um pedaço de fígado humano para ser analisado. Mas nem mesmo o material em que tanto ela como sua colega Aparecida mexem, nem o cheiro constante de fezes, nem os riscos de contaminação fazem essas duas profissionais a mudarem de profissão. Entram num consenso: "É vocação".

Vocação ou adaptação ao trabalho. O que no início, muitas vezes, é uma necessidade financeira acaba tornando-se um modo de vida. Um coeiro, por exemplo, não necessariamente nasceu com vocação para enterrar pessoas, mas pode gostar do que faz. Professores, de um modo geral, são insatisfeitos com seu salário, mas não deixam de lecionar.

Trabalhando há apenas seis meses, Joelma Rodrigues Lima, 17 anos, acredita que não vai, e nem pretende, se adaptar ao que faz. Dificuldades financeiras fizeram esta nordestina, que sonha em ser médica, se submeter à profissão de ascensorista. Uniformizada, maquiada e com seus vastos cabelos negros bem penteados, a adolescente sobe e desce os onze andares do Edifício Fórtico, em Florianópolis, seis horas por dia. "Muita gente já me disse que isso é terrível, que jamais faria isso. Eu também acho chato ficar subin-



O que para muitos é nojento, para outros é rotina: "Nunca deixei de comer por isso."

do e descendo o dia todo, mas não tenho escolha", lamenta entre um andar e outro. É o primeiro emprego de Joelma.

Já sua amiga, Catia Cidade, 23 anos, confessa que adora trabalhar dentro de um elevador. "Não é cansativo, não se faz nada", comenta. Ela conta que já ficou trancada algumas vezes no elevador, mas não se importa com isso. O salário que recebem é de R\$ 220,00.

Na fossa - Rogério Assis, 30 anos, também tem uma função pouco desejada pela maioria das pessoas: limpador de fossas. Há cinco anos desentupindo fossas de hotéis, motéis e

residências demonstra indiferença em relação à sua profissão. "Não tem que gostar ou não. É um serviço. Tenho que sobreviver de algum modo", admite. Mas ele acrescenta que de vez em quando até gosta do que faz. "É gratificante chegar num apartamento alagado e conseguir ajudar os moradores". Ele lembra que certa vez, foi limpar o esgoto de uma residência e ficou satisfeito quando viu a expressão das crianças no final do seu serviço. A fossa tinha entupido e começou a inundar a casa. "Imagine se não existisse minha profissão", questiona Rogério defendendo a importância de seu

trabalho.

Normalmente ele trabalha com a ajuda de um caminhão de sucção. Num hotel, por exemplo, sua função é conectar os tubos na fossa e colocar água - para diluir a gordura ou as fezes, normalmente empastadas - e o tubo conectado conseguir puxar a sujeira. Rogério ganha R\$ 450,00 para sustentar seus três filhos. A luva e a bota que usa são fornecidos pela empresa. Um trabalho que ele jamais faria: ascensorista.

Sandra Vieira

Alexsandro Vanin

preconceito

A busca de uma cidadania plena

Grupos homossexuais batalham pela dignidade da minoria gay no Brasil, na antiga luta contra o preconceito

Em 1979 foi fundado o Grupo Somos de São Paulo e no começo dos anos 80 surge o Grupo Gay da Bahia, organizado por Luiz Mott. Numa dissidência do Somos, algumas mulheres, criam o GALF - grupo de Ação Lésbico-Feminista. No Rio é criado o Somos-RJ e mais tarde, em 83-84, os grupos Triângulo Rosa e Atobá. Estes são os primeiros grupos de ativismo homossexual de que se tem notícia no Brasil.

O aparecimento da AIDS, no início dos anos 80, força o movimento de afirmação homossexual a mudar seus focos de atuação. Provoca o aparecimento de novas formas de organização e o direcionamento de esforços para a luta contra a doença. No final dos anos 80 as organizações que surgem como a ABIA (RJ-1987) Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, o GAPA - Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS e o Grupo Pela Vida (1989), evidenciam o redirecionamento do movimento.

Castigo - Inicialmente chamada de "peste gay", a AIDS veio fornecer novos argumentos para aqueles que combatem os homossexuais. Durante os primeiros anos após o aparecimento da doença, se disseminaram notícias de que seria, até, um castigo divino contra os homossexuais. Para combater essas novas produções discursivas o movimento homossexual se viu obrigado a produzir outras para criticá-las. A batalha por maior inserção na sociedade teve que ser abandonada momentaneamente. Era necessário criar uma rede de suporte capaz de amenizar o impacto da doença.

As estatísticas do Ministério da

Saúde, em 1995, mostram que o número de novos casos entre mulheres heterossexuais, contaminadas pelos maridos, ultrapassam o número de novos casos entre homossexuais. Então os arautos da ira divina são silenciados. A AIDS deixa de ser "doença de gay". Está comprovado e é do conhecimento geral, que qualquer um pode ser contaminado. Livres deste estigma, os homossexuais podem vir novamente à tábua lutar pelo fim do preconceito e pela igualdade de direitos.

A ONU escolheu 1995 como o "Ano da Tolerância" e a Campanha da Fraternidade escolheu o lema "Acolher os excluídos". No mesmo ano realizou-se, em Curitiba o "VIII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis", que reuniu aproximadamente 50 grupos homossexuais. No Rio de Janeiro aconteceu a "XVII Conferência Internacional de Gays e Lésbicas", que reuniu pessoas de todos os continentes. Desde o começo dos anos 80 os homossexuais não usufruem de uma atmosfera tão propícia.

A homossexualidade foi frequentemente discutida no país em 1995. Com certeza a telenovela "A última vítima", exibida pela Rede Globo de televisão, teve um papel fundamental, colocando o assunto em evidên-

cia e nas salas de todo o país. Pela primeira vez começa a se mostrar a homossexualidade de uma maneira saudável e alegre. O casal gay da novela, Jefferson e Sandrinho, não são estereótipos e retratam bastante realisticamente como são os gays. A trama abre espaço para a demonstração de afecção entre os dois e es-

oso fica difícil falar sobre homossexuais sem discriminá-los.

Produto - Outros meios de comunicação seguem a onda da Globo e os gays e lésbicas passam a ser o produto do momento. Filmes, talk-shows, reportagens na televisão, jornais e revistas constantemente se referem ao tema. Até o Mamonas Assassinas

A sociedade brasileira tem fama de sincrética e tolerante, onde raças, credos e sexualidades diferentes convivem harmoniosamente. Sabemos que não é bem assim, o preconceito existe embora, quase sempre, dissimulado. A violência contra homossexuais resulta de um tecido de causas econômicas, sociais, psicológicas e sexuais, étnicas, raciais, de gênero e etárias, que interferem na prática de violência de indivíduos ou grupos contra outros indivíduos ou grupos.

Se o homossexual é frequentemente causa de grandes problemas. A atitude preconceituosa da sociedade resulta em isolamento, dificuldade de vida, relacionamentos pessoais e estabilidade emocional. A necessidade de se esconder a própria natureza, o fato de não ter sua sexualidade reconhecida, viver em isolamento ou na mentira cria sérios problemas. Toda pessoa deve ter o direito de assumir sua sexualidade, o seu desejo e necessita que a sua orientação sexual seja reconhecida socialmente.

"O julgamento dos outros é o julgamento derradeiro; e a exclusão social, a forma concreta do inferno e da danação." (Bourdieu, Pierre.1988)

O grande empecilho para os homossexuais à sua auto-aceitação é o preconceito. A sociedade brasileira tem fortemente enraizada a repulsa e o desprezo para com as lésbicas e gays. É necessário mudar esta situação informando melhor as pessoas e encorajando os homossexuais a assumirem sua condição, pois desta forma a sua auto-estima aumenta e poderão levar uma vida mais sadia e estabelecer relações mais duradouras.

Medo - Mesmo que falem mal dos homossexuais, que pais e mães tremam ao pensar que seus filhos possam ser gays, quando confrontadas com casos de homossexualidade na família ou em outros círculos de relacionamento, as pessoas demonstram serem menos preconceituosas do que parecem. O projeto da Deputada Marta Suplicy que regulamenta a união civil entre pessoas do mesmo sexo, não encontrou no Congresso e na sociedade a oposição que se era de imaginar.

As estatísticas não são precisas mas segundo Kinsey até 10% da população mundial é homossexual. Poderíamos perguntar onde estão, quem são e como vivem estas pessoas. É óbvio que a grande maioria delas prefere esconder o que sente por medo dos colegas. Mas se sentirão bem desta forma, escondendo a sua verdadeira sexualidade e representando papéis para agradar aos outros?

Cláudio Narciso
Aluno da 6ª fase do curso de Jornalismo. Realiza pesquisa sobre esse tema para o CNPq.

Sara Power



Grupos homossexuais e a luta por cidadania: a busca do beijo proibido

timula a aceitação dos homossexuais ao mostrar que os personagens são amados por suas famílias.

A novela desperta a curiosidade do público e mostra que este possui pouca informação - mas está ávido por adquiri-la. O assunto passa a ser comentado em casa, no trabalho ou na escola, mas como o discurso existente é extremamente preconceitu-

vão na onda com a música Robocop gay, a terceira música mais tocada do grupo. A mídia nacional, desta forma, propicia a visibilidade defendida pelo Movimento Homossexual Brasileiro, que vê na difusão de informações e na visibilidade dos homossexuais, a melhor maneira de combater o preconceito, facilitando a vida de gays e lésbicas.

cria sérios problemas. Toda pessoa deve ter o direito de assumir sua sexualidade, o seu desejo e necessita que a sua orientação sexual seja reconhecida socialmente.

"O julgamento dos outros é o julgamento derradeiro; e a exclusão social, a forma concreta do inferno e da danação." (Bourdieu, Pierre.1988)

Um casal contra o preconceito

Mais de 1200 homossexuais foram assassinados no Brasil nos últimos dez anos, segundo Toni Reis, secretário da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Este tipo de discriminação não parece pertencer somente ao população em geral, mas também aos seus representantes no poder". Em Brasília, Toni e seu companheiro, David Harrad, foram alvo de fúrias dos deputados Severino Cavalcanti (PTB-PE), Philenon Rodrigues (PTB-MG)

e Salvador Zimbaldi (PSDB-SP). O casal gay mais famoso do país acaba de lançar o livro **DIREITO DE AMAR: A HISTÓRIA DE UM CASAL GAY**, contando um pouco sobre a história dos dois.

Foi a partir de uma confusão com a Polícia Federal, que queria deportar David de volta a Inglaterra, que aumentou a polêmica sobre a união entre homossexuais. Agora, está tramitando no congresso um projeto da deputada Marta Suplicy

(PT) regularizando a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

O livro lançado conta a história do casal Toni e David desde a infância até as suas dificuldades quando adultos. O principal objetivo deles é sensibilizar as pessoas para respeitarem os seus direitos civis e humanos. David, que chegou a ser casado durante dez anos, disse que só conseguiu ser feliz ao lado do atual companheiro, Toni, que havia até pensado em ser padre, mas que não pode

por ser homossexual, disputou uma vaga a vereador de Curitiba, pelo PT, nas eleições deste ano.

No debate eles disseram que sempre foi difícil se assumirem para a sociedade e até mesmo os amigos falam que "é preciso ser muito macho para ser bicha". "Recebemos ameaças constantes pelo telefone, mas não podemos ser hipócritas e temos que assumir quem somos", disse Toni.

Francinely Silvy



Toni e David: casal lança livro e luta por direitos civis

Ilha de pedra?

GERAL



Meio-ambiente

As construções típicas da cultura pesqueira e mesmo a vegetação dão, cada vez mais, espaço aos grandes projetos imobiliários

Empreendimentos turísticos colocam em risco a cultura de regiões litorâneas

No dia 12 de julho de 1996, numa sexta-feira, as rodas do último engenho de farinha da Praia Brava pararam de ranger para sempre. "Vamo boil Eia boil Vamo boi...", gritava despreocupado na antevéspera um dos antigos proprietários do local, João Silva, enquanto forneava farinha pela última vez, no mesmo engenho em que trabalhou durante 60 anos.

Franzino, demonstrando uma agilidade fora do comum para um senhor de 73 anos, e com a cara coberta de farinha, mal dando para ver os olhos, João Silva mais parecia um fantasma; já houve uma época em que existiam oito engenhos de farinha de mandioca e três engenhos de cana-de-açúcar na Praia Brava. Atualmente, existem em toda Florianópolis apenas dois ou três engenhos totalmente artesanais ainda em funcionamento. Com a última farinha de seu João, mais um traço histórico-cultural da Ilha de Santa Catarina se apagou.

Todavia, João Silva não é um caso isolado na história recente de Florianópolis - o desfecho de sua história faz parte de um processo que começou a dar os primeiros passos na década de 60, caminhando progressivamente pelos anos 70, ganhando força nos 80 e que vem explodindo na década de 90: a expansão imobiliária e do turismo.

Fenômeno nacional - É a partir da década de 50 que, motivada por uma economia nacional desenvolvimentista, a expansão capitalista começa a ter conseqüências mais intensas para o litoral brasileiro e suas populações. Somando-se a isto, o aparecimento de uma classe média cada vez mais interessada em investir no seu próprio lazer, e os avanços da legislação trabalhista que passaram a garantir férias generalizadas para os trabalhadores, contribuíram para o surgimento de atividades relacionadas à indústria do

tempo livre.

Se, por um lado, a expansão do turismo trouxe um desenvolvimento econômico jamais experimentado por estas regiões litorâneas, por outro esta mesma expansão começou a gerar conflitos sócio-culturais e ambientais que se tornam a cada dia mais preocupantes.

Um bom exemplo disto, no Brasil, é a cidade de Santos. No estado, podemos citar Balneário Camboriú, que possui cerca de 80 mil habitantes fixos e uma população flutuante estimada em quase um milhão de pessoas. Em ambos os casos a falta de um planejamento urbano adequado, ou mesmo a inexistência de qualquer tipo de planejamento, gerou problemas ambientais gravíssimos, e que tendem a piorar a cada temporada de verão.

Embora de maneira menos intensa do que estas duas cidades, Florianópolis vem enfrentando nos últimos anos os mesmos tipos de problemas. Rica em belezas naturais, e apostando num processo de dinamização econômica da atividade turística, no decorrer dos anos 80 a cidade consolidou sua posição no mapa turístico brasileiro e do Cone Sul. O problema é que este processo de dinamização não levou em conta os impactos sócio-ambientais.

O arquiteto Francisco Antônio Carneiro Ferreira, em sua dissertação de mestrado na área de sociologia política, intitulada *TURISMO E DESENVOLVIMENTO URBANO - Avaliação do impacto sócio-ambiental da atividade turística na Ilha de Santa Catarina*, aponta dois aspectos principais deste processo: a ocupação turística intensiva do litoral, promovida pelo fenômeno da segunda residência e por investimentos de grupos privados ligados à atividade turística, mercado imobiliário e construção civil; e a desestruturação social das comunidades litorâneas, com o consequente abandono das atividades tradi-

cionais (como a pesca artesanal), em troca de um mercado de trabalho ligado ao turismo sazonal, ao comércio e ao serviço público em Florianópolis.

Cultura - O extremo norte da Ilha de Santa Catarina - mais precisamente as localidades de Ponta das Canas, Lagoinha do Norte e Praia Brava - é, talvez, a região que melhor ilustra as conseqüências danosas do processo de dinamização econômica da atividade turística adotado por Florianópolis.

Marcada por uma grande variedade de ambientes naturais, caracterizados pela presença de um litoral recortado por pequenas praias, morros, enseadas, promontórios e rios, esta região abrigou, até meados da década de 60, uma comunidade com características sociais e culturais próprias e bem definidas. A maioria das famílias subsistia através da pesca e da agricultura, e as relações de comércio entre elas girava em torno da troca da produção excedente. Os traços culturais e folclóricos, herdados dos primeiros imigrantes açorianos, eram mantidos através das festas e folguedos populares.

Foi a partir do início dos anos 70 que estas comunidades passaram a sofrer um processo acentuado de descaracterização sócio-cultural. Deslumbrados pela possibilidade de se integrarem à uma sociedade de consumo em crescente expansão, os pescadores-lavradores da região começaram a vender suas terras "a preço de banana". Muitos deles vendiam suas propriedades apenas para comprarem eletrodomésticos como geladeiras, fogões a gás e televisores, indo morar em locais afastados da praia. As roças e ranchos de pesca passaram a dar lugar à casas de veraneio, restaurantes, bares e hotéis.

Se a perda das terras acarretou o abandono das atividades agrícolas, o desenvolvimento da pesca in-

dustrial e a progressiva degradação das praias e dos mangues enfraqueceu a atividade da pesca artesanal. Ex-pescadores-lavradores, impossibilitados de sobreviverem com suas antigas atividades, passaram a formar um contingente de mão-de-obra não qualificada e mal remunerada, vinculada ao mercado de trabalho local (administração pública, comércio e turismo) ou engajada na pesca industrial, trabalhando como "embarcados".

Atualmente, dos vários problemas que atingem a região, o mais preocupante é o da degradação ambiental gerada pela falta de planejamento urbano e turístico. A formulação do *Plano de Desenvolvimento Turístico do Aglomerado Ur-*

bano de Florianópolis influenciou muito pouco no desenvolvimento da atividade turística na região. O grande número de construções clandestinas em áreas de mangue e nas encostas de morros e a construção de grandes condomínios residenciais, somados à inexistência de sistemas para tratamentos de esgotos e ao precário sistema de coleta de lixo, vêm modificando consideravelmente a paisagem da região e aumentando o número de doenças causadas por águas contaminadas.

Turismo ecológico - Denise Rodrigues, proprietária de uma fazenda em Ponta das Canas, aponta como uma das causas da degradação ambiental a falta de instrução da grande maioria dos moradores

locais. "A população 'nativa' da região não tem muita consciência das conseqüências que a desentreada expansão turístico-imobiliária trará para a comunidade", explica Denise, que mora há doze anos em Ponta das Canas.

Ela e seu marido, Cláudio Rodrigues, juntamente com outros moradores da região, criaram há cerca de um ano atrás uma associação de moradores da Ponta Norte da Ilha. Denise conta que, organizando passeatas e fazendo pressão junto à Câmara de Vereadores, a associação conseguiu barrar um projeto da empresa Porto Bello que previa a construção de prédios de até seis andares na Lagoinha do Norte. "Aos poucos, parece que a comunidade vai tomando consciência da importância da associação, tanto que na última reunião conseguimos reunir 67 moradores, contra uma média de 10 a 12 pessoas nas reuniões passadas", informa Denise, sem esconder um sorriso de satisfação.

Denise Rodrigues defende a idéia de que o ideal para a Ponta Norte seria os projetos que incentivassem o desenvolvimento de um turismo ecológico, e que visassem também a preservação sócio-cultural da região. Ela cita uma classe de turistas argentinos mais instruídos que há cerca de seis anos deixou de frequentar as praias do norte. Eram pessoas que vinham atraídas pelas características históricas e culturais da região, e pela bela paisagem daqui. Com as mudanças ocorridas nos últimos anos, este turista acabou de desencantando com o lugar. "Hoje os argentinos que vêm para cá são geralmente jovens a fim de 'agito' e que estão mais interessados na vida noturna de Canasvieiras do que na cultura da região. Se algo não for feito para preservar as praias do norte, a cultura daqui corre o risco de desaparecer, a junto com ela o potencial turístico da região", conclui Denise.



Turismo e pescaria: culturas diferentes num mesmo espaço

Gustavo Klabunde

Alternativa correta?

O problema do esgoto pode não ter solução, mesmo com Sistema Insular

Já foi dito que Florianópolis é uma ilha cercada de esgotos por todos os lados. Apesar da grande dose de exagero contida nesta pérola do anedotário ilhéu, não é preciso muito para constatar que a cidade realmente enfrenta problemas na área de saneamento: basta um pequeno passeio pelas baías norte ou sul. O mau cheiro e as águas escuras, que contrastam com a bela paisagem destas áreas, são conseqüência do esgoto produzido diariamente por cerca de 260 mil habitantes, e que atualmente é despejado ao mar praticamente sem qualquer tipo de

tratamento.

Segundo a CASAN (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento), existe um projeto para a despoluição das baías norte e sul. Este projeto, que faz parte do plano diretor da entidade, prevê, a longo prazo, a construção de sistemas de tratamento de esgotos em cidades e localidades espalhadas ao longo da parte continental das baías, desde Palhoça, ao sul, até Tijuquinhas, ao norte. A curto prazo, o que está sendo feito é o Sistema de Esgotos Insular, obra que está em fase de acabamento, e que deve começar a operar ainda este ano.

Centro - O engenheiro da CASAN, Jair Sartorato, responsável pela parte de operação e manutenção do sistema de esgotos na grande Florianópolis, diz que a obra que atenderá principalmente a região central da ilha. Devido à grande concentração populacional, esta região é uma das principais poluidoras das baías. A maior parte dos dejetos produzidos pela parte continental da cidade são enviados para Forquilha, no município de São José, onde são tratados em lagoas de estabilização.

A obra que está sendo concluída foi orçada em 52 milhões de dólares. A estação de tratamento, construída no aterro da baía sul, uti-

liza o sistema de lodos ativados - um processo de tratamento biológico. O esgoto captado nas casas e edifícios é levado a tanques onde será produzido uma aeração mecânica. Neste processo, as bactérias, em presença do O₂ (oxigênio dissolvido) consomem a matéria orgânica presente nos esgotos, reduzindo assim sua carga poluidora. O lodo produzido nos tanques será retirado e enviado para aterros sanitários, e a parte líquida que sobra será então despejada no mar.

"Melhor do que nada" - Sartorato explica que a obra atenderá inicialmente cerca de 150 mil pessoas, mas que a mesma poderá atender, posteriormente, até 225 mil habitantes. Ele está bastante confiante quanto ao sucesso do projeto. "Acreditado que dentro de pouco tempo os resultados serão visíveis. O lodo existente no fundo das baías não irá desaparecer, mas o risco de doenças causadas por bactérias cairá drasticamente", afirma o engenheiro.

Porém, nem todos os especialistas no assunto pensam da mesma maneira. O engenheiro sanitário Luiz Sérgio Philippi, professor do departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, que coordena e desenvolve projetos de sistemas alternativos para tratamento de esgotos, explica que "o que está

sendo feito, sem dúvida, é melhor do que nada", mas faz algumas ressalvas ao projeto da CASAN.

Philippi observa que os órgãos governamentais responsáveis por esta área têm dado ênfase apenas à projetos de sistemas coletivos para tratamento de esgotos. Uma cidade como Florianópolis, por exemplo, possui várias regiões com características geográficas e populacionais distintas. Philippi sugere que cada região seja estudada separadamente para que, apoiado nestes estudos, se defina o sistema de esgoto ideal para cada uma. No caso das praias e das localidades isoladas, o ideal seriam as soluções individuais conjugadas a sistemas descentralizados de tratamento. Apenas duas praias da Ilha possuem sistema para tratamento de esgotos: Canasvieiras, que utiliza o sistema de lodos ativados, e lagoa da Conceição, que utiliza valos de oxidação.

Educação - "Já que os órgãos estaduais e federais investem pouco em saneamento, a prefeitura deveria coordenar e incentivar a instalação de sistemas individuais para tratamento de esgotos, como tanques sépticos com tratamento posterior adequado, por exemplo", explica Philippi. O professor ressalta ainda que, em se tratando de saneamento, uma das palavras chaves é educação. "Sane-



Praia para o ano 2000?

amento sem educação sanitária não existe. A população deve ser educada e esclarecida, para que cada um faça sua parte para melhorar a qualidade de vida de todos", afirma.

Ele questiona alguns pontos do novo sistema de esgotos. Em primeiro lugar, explica que o sistema de lodos ativados não é totalmente eficiente na eliminação de microrganismos causadores de doenças. As principais doenças causadas por águas contaminadas por esgoto são a hepatite, as diarreias, a cólera, a conjuntivite, a salmonelose, as giardíases, as amebíases e as doenças de pele.

Em segundo lugar, Philippi acha muito alto o custo da obra que trará soluções que considera "imediatistas" para a questão do saneamento. Para este tipo de projeto, a CASAN contrata tecnologia nacional ou estrangeira, e para a execução da obra contrata empreiteiras por meio

de concorrência pública. O problema é que ela geralmente não analisa outras alternativas, e às vezes não fiscaliza a obra da maneira devida.

Philippi acredita que com um bom trabalho de pesquisa, e utilizando tecnologias disponíveis no Brasil, poderia ser feito um projeto mais econômico e eficiente. "O Sistema de Esgotos Insular trará problemas já conhecidos por técnicos e especialistas. Por exemplo, qual será a quantidade de lodo produzido? E este lodo será bem aproveitado, ou ira apenas piorar a situação dos aterros sanitários? Além do mais, sabe-se que os custos operacionais e de manutenção deste sistema são muito caros. Resta saber se os resultados alcançados com esta obra compensarão estes custos", conclui o professor.

Gustavo Klabunde
Alexsandro Vanin



Beira-mar: despoluída?

TRIBOS



Marco Aurélio

...no fim de tarde

A noite da Ilha está começando mais cedo. Quem acha que a vida era só ir de casa para o trabalho, agora pode incluir no trajeto uma agradável parada nos bares que promovem happy hour...

Uma boa escolha é o Café das Artes, na rua Esteves Júnior. O ambiente é acolhedor e dispõe harmoniosamente os móveis estilo country...

Outro point do horário, é o Emporium, na rua Bocaiúva. A casa não conta com a mesma diversidade de público do Café das Artes, mas é frequentada por grupos de jovens...

Ainda na Ilha, o Golden Bingo, no Beira-Mar Shopping, é o recordista de público neste horário. Bastante frequentado por homens e mulheres, entre 30 e 60 anos...

Omar Felipe Paludo

...com mais de 30

Excetuando-se a grande quantidade de churrasqueiras, pizzarias ou casas de massa da cidade, Florianópolis não reserva muitos atrativos para a noite de casados...

O Scuna que fica abaixo do cartão postal da capital, a ponte Hercílio Luz, é dos três o mais agitado local de encontro. É também eclético. Lá é fácil encontrar alguns homens e mulheres bem trajados de terno e gravata...

O Village Bar, inaugurado há quatro meses no antigo Archádia, tem basicamente a mesma proposta do Emporium e os próprios clientes sentem a semelhança. "Faltam em Floripa os lugares com dimensionalidade de bar, boa música, tranquilo, sem fila...

É mesmo com a proposta inicial de ser um restaurante ou um lugar para saborear um bom crepe, hoje, o Nouvelle Vague, aberto há quatro meses, é também um ponto de encontro de casais velhos e jovens...



Alex Cunha

...os playboys

Mauricinhos, patricinhas e playboys em geral se encontram em lugares como Dizzy, Refinaria 227 e Innocence. São estudantes universitários ou de segundo grau, entre 18 ou 30 anos...

A turma começa a chegar por volta das onze da noite, mas só entra depois da meia-noite. Antes, o passatempo preferido são as "guerras" para saber quem tem o som mais potente no carro...

Dentro das boates, num ambiente escuro e cheio de câniões de laser coloridos, o ritmo mais tocado também é o dance. A exceção é o Refinaria 227, onde a especialidade é o pagode. Nas pistas de dança, as patricinhas exibem roupas justas, curtíssimas...

Tatiana Ramos

...e os descolados

Localizado no centrinho da Lagoa da Conceição, o Boulevard é o ponto de referência da galera descolada da cidade. Um lugar ideal para quem quer tomar uma cervejinha gelada, encontrar os amigos e paquerar...

Quem vai para a Lagoa procura agito sem muitas frescuras. A galera que frequenta o Boulevard se veste de forma descontraída, minissai, bermuda e chinelo. Pouca roupa para mostrar o bronzado e as tatuagens...

Mariana Moraes

noite

Sem muitas opções de diversão quando o assunto é cinema e teatro, a salvação da noite dos Florianópolis são os bares e boates. Nossos repórteres traçam aqui um mapa dessa ferveção...



Gallo César

A moçada tá no cio...

...no Mercado Público

O Box 32 é o bar mais popular do Mercado Público e um dos preferidos da cidade. O motivo de seu sucesso é o perfil eclético, pois reúne desde os mais autênticos "manezinhos da ilha", até profissionais liberais...

O cardápio vai desde o popular pastel até pratos preparados com lulas, camarões, merluza chileno, haddock escocês, carpaccio até salmão, caviars, lagostas, ostras do pacífico...

Para acompanhar, os clientes escolhem entre 800 tipos de bebidas nacionais e importadas, desde os legítimos scoffs, vinhos franceses, portugueses, alemães, chilenos e argentinos...



Débora Sanches

"A tarde cai a noite vem atropelando. Todos chatos desanimados. Tá na hora de acordar e sair. E ver que a vida é se divertir. A noite é negra e os holofotes machucam. Toda essa escuridão. A procura de um lugar ideal. Pra dançar e barbarizar."

(Fernanda Abreu)

...nos botecos

Ambientes dominados quase exclusivamente por homens, lanches rápidos que pouco variam entre pastéis, coxinha de galinha, ovo em conserva, uma TV para assistir a partida de futebol do dia...

O caminho entre o Terminal Rodoviário e a Rua Conselheiro Mafra, concentra vários destes bares e quiosques onde o que mais se vende é cerveja e pinga. A clientela desses locais não é apenas de homem. Há a presença de prostitutas que trabalham na Conselheiro.

Segundo o proprietário do bar e restaurante Peg Lev, Andres Valerín, a localização pode causar alguns problemas. "Alguns 'forasteiros' que vêm da Rodoviária as vezes chegam causando confusão, mas a gente sempre dá um jeito", conta ele.

O movimento no bar é maior depois das seis da tarde e aos sábados. A luz fraca e a parede azul-escuro (mesma cor da fachada externa) criam um clima sombrio, amenizado pela expressão gentil do proprietário e o "fala mestre" com que Valerín atende a todos sem distinção.

Patrick Cruz



Mariana Moraes

...no fim de noite

A noite chegou ao fim. São cinco da manhã e o sono não chegou. Que fazer São três opções. Se a noite terminou bem e a paquera rendeu vale uma parada no Kilixixi 3 da Beiramar...

Na cabeceira insular da ponte Hercílio Luz, com uma vista privilegiada e vários galinhos de quatro patas, rondando os carros por um restrito de pão, fica o Hause, um trailler com neon colorido na fachada.

Na Ilha, a mais famosa saideira é a canja da rodoviária. No segundo piso, dois restaurantes servem a salvadora canja de galinha. O Altair, dono de um dos restaurantes jura que serve a melhor canja da cidade.

Depois de tudo só resta ver o sol nascer. Dizem as más (ou boas) línguas que as pedras da Joaquina são o melhor lugar para amanhecer.

Carolina Heinen

TRIBOS

G.L.S.

A NOVA FERVEÇÃO

Gays, lésbicas e simpatizantes saem do armário e vêm brincar com as convenções sociais

charmoso, cheio de molduras e espelhos nas paredes. O centro do bar é o balcão. É frequentado também pelo público mais alternativo da cidade: os simpatizantes - o S do GLS - do mundo homossexual. Na pequena pista rola som dance e só as músicas que não tocam nas rádios e são conhecidas nas pistas européias. Um pouco mais simples, o Casa de Pagú é outro ponto de encontro, espécie de "esquentar" antes de ir para as boates. É frequentado, principalmente, pelas meninas - o L do GLS.

O auge das noites rola nas boates Chandon e Hominus. A Chandon é a boate gay mais conhecida da cidade, com grandes festas e desfiles de moda mix. No melhor dance music das paradas de sucesso, as pessoas dançam, jogam sinuca paqueram e namoram, até o amanhecer. A Hominus é mais conhecida pelos shows de transformismo. É também conhecida por "bagaceira", em vista da baixa qualidade das músicas - que começam com danças desatualizadas, passam pelo axé music, e acabam no pagodão - e de alguns de seus frequentadores.

Todos esses pontos ficam no centro de Florianópolis, na proximidade da Praça XV. Com exceção do bar Casa de Pagú, é cobrada entrada ou consumação, que em média custam sete reais.

Daniela Neves



Quem está a fim de uma noite diferente, alegre, dançante e de vanguarda, deve passar pelos pontos GLS (gays, lésbicas e simpatizantes) da cidade. Roupas no estilo baby look, moda mix, ou as chiquérrimas peças em vinil, enfeitam os frequentadores que curtem se vestir bem e lançar moda. Tudo embalado na melhor dance music.

A noite pode começar nos bares, como o Fábrika de Artes e Casa de Pagú. O primeiro é um bar muito



Mercado Mundo Mix Setembro de 1996



Sara Power

Magia Mix

O Mercado Mundo Mix, espaço alternativo de moda realizado a cada quinze dias nas principais capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba), tem movimentado milhões de reais e recebido um público cada vez mais diversificado.

O MMM (Mercado Mundo Mix), começou em São Paulo há dois anos, num galpão pequeno com menos de vinte stands. Hoje são galpões enormes que comportam 120 stands no Rio, 180 em São Paulo, 50 em Curitiba e 50 em Belo Horizonte. São expostos móveis, acessórios e roupas das mais variadas. Além disso tem bares, música dançante em alto volume, drag queens e um pessoal animado, que fica dançando, comprando e namorando (homem com mulher, mulher com mulher e homem com homem).

A idéia de mercado alternativo foi tirada da Europa, principalmente de Londres, onde existem mercados como este funcionando permanentemente. No início, o MMM se identificou mais com o público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), e por algum tempo foi feito marketing em cima disso. Na verdade a maioria dos frequentadores são no mínimo simpatizantes, mas o mercado tem recebido cada vez mais heterossexuais, casais de idade e famílias inteiras que, além de fazer compras, se divertem com as drag queens.

Sara Power



Para Priscilla, obrigado por tudo

O agito, o exagero no vestuário, o bom humor inabalável das drag-queens, esses rapazes que pouco têm em comum com travestis e transformistas, veio à tona com Priscilla, a Rainha do deserto (Austrália, 1994) e Para Wong Foo, Obrigado por tudo, Julie Newmar (EUA, 1995). Apesar de tratarem do mesmo tema, os dois filmes apresentam diferenças fundamentais que nos dão conta do cinema preconceituoso dos grandes estúdios.

Priscilla... conta a história de três drags que atravessam a Austrália para a realização de um show. No caminho, o ônibus dirigido por elas (que se chama Priscilla) quebra, elas encontram os exóticos aborígenes, dão de frente com a imensidão dos desertos australianos, passam por pequenas cidades onde vivenciam as mais cômicas situações, e compartilham entre si as angústias e os deslumbre de quem atravessou as fronteiras dos gêneros masculino e feminino.

Para Wong Foo... por sua vez, é também um road movie que também conta a história de três drag-queens, que também atravessam o país (só que desta vez os Estados Unidos). A caminho de Hollywood, onde participarão do concurso "drag-queen da América", o carro conversível delas também quebra e as obriga a também parar numa pequena cidade, onde se deparam com o preconceito e a monotonia de um vilarejo. Coincidência?

As diferenças fundamentais entre os dois filmes se centram na abordagem. Priscilla... trabalha bem com a questão do exótico, do exagerado, características essenciais das drag-queens. Ao contrário, Para Wong Foo... deixa-se cair no senso comum apresentando as drags como homens que se sentem bem num requintado vestido longo.

O estereótipo do feminino é característica fundamental do filme americano, aproximando os personagens Vida Bohemme (Patrick

Swayze), Noxeema Jackson (Wesley Sni-pes) e Chichi Rodriguez (John Leguizamo) de travestis. Buscam ser mulheres perfeitas, com uma certa sensibilidade estereotipada que se distancia dos atos e gestos exagerados das drag-queens. Um exemplo disso é a inserção das três no vilarejo, quando imaginam que todos na cidade acreditam que são apenas mulheres altas e fortes.

As três drags de Priscilla, no entanto, desembarcam na pequena cidade australiana, esbanjando graça em perucas coloridas e um vestido feito com chineiros de borracha. Em nenhum momento tem a pretensão de enganar que são mulheres. Muito pelo contrário, Mitzie (Hugo Weaving), Bernardette (Terence Stamp) e Felicia (Guy Pearce) fazem questão de mostrar às pessoas o resultado da mistura do masculino com o feminino e ainda uma boa dose do que pode haver de mais exótico no vestuário e nos gestos.

O que se pretende aqui não é fazer apologia ao movimento drag-queen e desmerecer travestis e transexuais. Mas é que Para Wong Foo... ao contrário de Priscilla... pouco ajuda na desconstrução de um mito - de que homens que se vestem de mulher são todos travestis. Os produtores de Para Wong Foo... devem não ter tido coragem de apostar num grupo já tão marginalizado, os travestis, que no filme são chamados de drags. O filme teria tido menos sucesso se fosse apresentado ao mundo como a história de três travestis?

No geral, podemos pensar no que os dois filmes nos trazem à tona. Para Wong Foo... apesar de ser divertido, não passa dos velhos padrões da comédia hollywoodiana, da mais simples. O grande dilema discutido é a falta de caráter da

drag-queen que ousa deixar que um homem se apaixone por ela. E há também espaço para a celebração do amor heterossexual, quando todos os casais do filme se reencontram num clima bem forçado de contos-de-fada. O amor homossexual, ou seja, das drags, fica de lado como se a elas estivesse reservado apenas o mundo cor-de-rosa das passarelas e dos saltos altos.

Priscilla... apresenta inúmeras questões. De forma até didática expõe o tom exótico das drags em contato com animais do deserto e com aborígenes: a linguagem do exotismo. O exagero dos gestos e vestuários dos personagens são postos em diálogo com imensos desertos e espaços infinitos: a linguagem do exagero. A sequência dessas imagens podem trazer à luz a intensidade de gêneros e sexualidades da espécie humana, que não se enquadram apenas em masculino e feminino. E as drag-queens são só uma amostra, talvez a mais divertida, dessa imensidão. A elas também é reservado, no filme, espaço às paixões, às imitações do Abba e até o direito de - por que não - cantar ópera no deserto com uma gigantesca echarpe cor-de-prata ao vento.

Comparar Priscilla... e Para Wong Foo... pode ser muito mais que dissertar sobre esses rapazes que alegremente brincam em cima de convenções da sexualidade humana. Percebemos muito mais que diretores falando sobre assuntos que não dominam - o que não é o caso de Stephen Elliot de Priscilla... Nos deparamos, sim, com formas de abordagem que já vêm recheadas de idéias do senso comum, que pouco fazem para desmistificar estas mesmas idéias - o que Beeban Kidron, diretora de Para Wong Foo..., infelizmente não fez.

Marco Aurélio

As raves fazem a festa GLS

Noite de sexta-feira, 23 de agosto, chego na frente da boate Inocence às onze horas. De cara encontro três drag-queens, reconheço Vogue porque ela fora entrevistada para um suplemento dominical daquela semana. Cinturinha, saltos altíssimos: elas funcionam como eficazes promotores em frente da boate ainda vazia.

"Entra, querida, você trouxe este bofé, é? E eu falei para você vir bem simplzinha..."

Com a mesma amabilidade que trata o casal recém-chegado ela conta que fora contratada junto com suas colegas para animar a festa. O gelo está quebrado, entro na boate em busca de Omar ou Marcelo, os organizadores da festa. Marcelo pára um pouco no bar para me dar as informações, quero falar com o stripper. Ansioso, ele conta toda a programação de performances da noite - seguindo o estilo das melhores raves - explica: "Olha, antes do show não vai dar, é que ele não é daqui e está meio nervoso, tá se preparando. Cê sabe, né?".

"Como é grande" - Ainda no bar encontro Omar, que quer saber se está tudo certo com a reportagem e acerta um papo com o stripper durante um intervalo. De saída, num olhar cúmplice, ele salpica a senha de acesso ao meza-nino: "Diga ao segurança: 'Como é grande!'" Seguindo fielmente as suas instruções, vou direto à escada de acesso a parte mais elevada da boate. O parrudo rapaz me aborda em busca da senha. Parece um pouco constrangido e fica ainda mais depois que precipito minhas mãos espalmadas sobre suas coxas para dar mais "veracidade" às palavras mágicas.

Britadeira - Através dos balões alaranjados que cobrem o parapeito do mezanino avisto mais balões forrando a pista, que antes da meia noite permaneceu vazia. Dalí os fotógrafos se posicionam para tirar as



sua apresentação. Junto delas também chega o dançarino mascarado numa sunga de couro em fio dental. Eles se revezam ocupando outros espaços como o balcão do bar térreo e as grandes caixas de som reforçadas que circundam a pista.

Então é a vez dos alpinistas indoor, suas cordas partem de pontos da pista ligados às estruturas do mezanino. É corriqueiro notar a movimentação de um deles a dois palmos de sua cabeça, supernormal. Corpo-a-corpo - Nesta altura, a pista já "ferve" de figuras exóticas e outras nem tanto. Os mais empolgados circulam a toda pela pista apitando sem cessar, normalmente. Está armada a rave. E como estamos numa ilha é muito fácil encontrar gente conhecida, desde os amigos dando uma de curiosos, fazendo "viagens etnográficas", socialites balzaquianas em inapropriados casacos de pele até candidatos a prefeito, como Vinicius Lummertz - PFL, num legítimo corpo-a-corpo diuturno com o seletor eleito.

Num canto acima da pista começa um desfile de moda sem que haja qualquer alarde. Os esguios modelos se revezam nos trajes ora com o eterno olhar entediado que lhes é peculiar, ora em encenações instantâneas que combinam com o modelo. De vestidos exclusivos a la francesa até os leves trajes que fazem a alegria dos clubbers nas abafadas noites de festa, muito foi mostrado pelas cinco griffes promotoras do desfile.

Pela boate, os rapazes chamam a atenção pelo cuidado na produção, do corte de cabelo às roupas, tudo está "para o crime". Festa para os olhos e os demais sentidos, esta rave pode ser frustrante para quem vai em busca da conquista certa.

Uma colega me puxa pelo braço e lança a pergunta da noite: É difícil saber quem deles gosta de mulher, né? Quatro e meia da madrugada. Obarman dança sobre o balcão, as lótes estão bulidas e o nosso stripper ainda não tirou o fio dental. Após ter entrado no ritmo techno e subido nos palanques para uma performance improvisada, nolo que a festa acabou. Pelo menos para mim.



Joice Sabatke

Acima de

ZERO

veja nessa canção

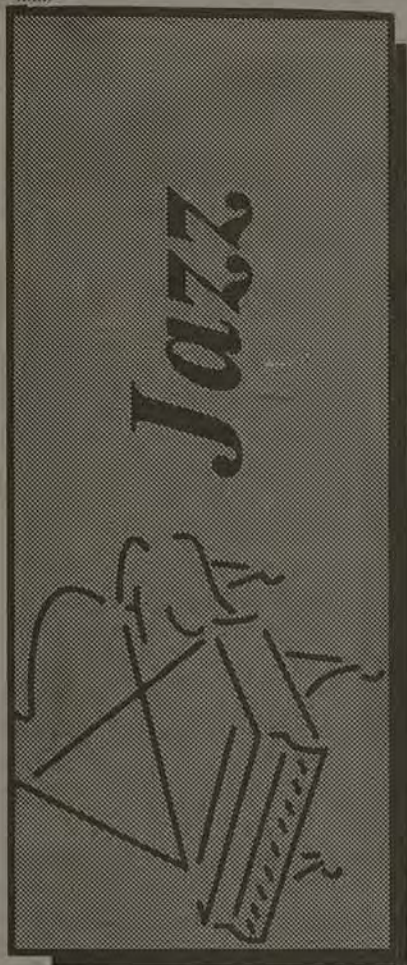


Um evento que pretende colocar Florianópolis na rota dos grandes festivais de jazz. Assim foi o 1º Florianópolis in Jazz, realizado de 11 a 14 de setembro no Centro Integrado de Cultura (CIC). Músicos brasileiros, feras do jazz internacional e músicos locais participaram deste evento que busca quebrar com o monopólio cultural do eixo Rio-São Paulo.

Com um leque bastante diversificado de atrações, que foram do tradicional Rosario Jazz Cuarteto ao experimental Hermeto Pascoal, o Florianópolis in Jazz, a exemplo de outros festivais internacionais, quis mostrar ao público as várias vertentes do jazz contemporâneo. "O jazz não tem uma cara, ele é universal", afirma Célio Balona, responsável pela direção musical do evento. Ou como afirma o músico Joe Zawinul, "jazz é um esforço constante de levar a música para novas fronteiras".

Balona afirma que o evento foi pensado para ser um encontro entre os músicos, o que permitiu uma troca de idéias e experiências altamente positivas para a cultura local. E neste sentido que havia, todas as noites antes do espetáculo principal, a apresentação de uma banda local, além dos intervalos entre cada show e as "jam sessions" no Café Matisse. "Um dia os músicos que tocaram do lado de fora vão estar pisando o palco principal", acredita Balona.

O festival foi dividido em quatro grandes temas: teclas e teclados, com Paulo Dorfman Trio, Célio Balona e Batuquerê, e Zawinul Syndicate; blues, com Nuno Mindelis e Ed Motta; tons do Brasil, com Alegre Corrêa Sextet e Hermeto Pascoal; e Be & Bop, com Rosario Jazz Cuarteto, Robert Mazurek Quartet, e Naná Vasconcelos e Egberto Gismonti. A dupla brasileira da última noite foi chamada uma semana antes do início do festival, em substituição à americana Betty Carter, que quebrou uma das vértebras da coluna em um acidente e cancelou sua apresentação. O 1º Florianópolis in Jazz perdeu assim sua grande estrela, mas ganhou universalidade e brasilidade ao apostar nas novas tendências do jazz.



Florianópolis

Diretamente do teatro do CIC para os ouvidos, os magos do Jazz mostram seu talento no primeiro festival do estilo que iluminou Florianópolis

in Jazz

Mais perto do que se imagina

O teatro do CIC o primeiro a levar foi o trio comandado pelo pianista gaúcho Paulo Dorfina, acompanhado do baterista Gillo Freitas e do contrabaixista Evaldo Guedes. Na sequência, o músico mineiro Célio Balona apresentou-se com a banda Batuquerê, que contou nesta noite com diversos músicos da ilha. Balona apresentou **Brasiliana**, música em homenagem a Joe Zawinul. As primeiras manifestações da plateia neste festival surgiram durante os solos de Jorginho do Trompete.

A última, e mais esperada atração da noite, foi o Zawinul Syndicate, liderado pelo tecladista vienense radicado nos Estados Unidos, Joe Zawinul. Um microfone desligado logo na primeira música obrigou a banda a dar um tempo na base da improvisação, até que a equipe técnica resolvesse o problema. Mas mesmo esse pequeno contratempo não impediu que a música fosse muito aplaudida. O grupo mostrou como é bem feito e produzido o jazz nos Estados Unidos.

NOITE DO BLUES

Nuno Mindelis, considerado atualmente o maior **bluesman** brasileiro por ter tocado no festival de blues do *Antone's Night Club*, em Austin, Texas, abriu o show principal. Nuno fez um show que não empolgou a plateia. O que mais se ouvia durante o intervalo era que Nuno foi tecnicamente perfeito, mas faltou sentimento, a alma do blues.

O segundo show da noite era, porém, o mais esperado. Já na primeira música de Ed Motta algumas pessoas começaram a dançar, mesmo apertadas entre as cadeiras. Afinal o teatro do CIC não é um salão. Mas parecia impossível resistir àquele suíngue.

Ed conversou bastante com o público. Um bom prato de camarão na Lagoa foi assunto constante. Mas a música era o prato principal, e Ed Motta é um instrumento de carne e osso. Fez uma música só na base do "scat" (*scat* ou *vocalise* é uma maneira de cantar sem articular palavras, modulando a voz sobre vogais, criando sons dos mais diversos). No final dessa música, imitando um chimbaú, chamou a entrada da bateria, e foi bastante aplaudido. O ponto mais leve do show foi Beatriz, música de Edu Lobo, que Ed Motta cantou acompanhado apenas pelo piano de Délia Fisher.

Ed botou todo o teatro para dançar com Manoel, provavelmente sua música mais conhecida. Daí até o final do show, quem ficasse sentado simplesmente não conseguiria ver o palco.

JAZZ BRASILEIRO

No terceiro dia, o show princi-

pal começou com o Alegre Corrêa Sextet, grupo formado por quatro brasileiros que vivem em Viena e dois austríacos. O sexteto, que se apresentou este ano em Montreux, foi a maior surpresa do Florianópolis in Jazz. Bastante conversador, Alegre contou a origem de várias músicas apresentadas.

O "mago" Hermeto Pascoal foi a segunda atração da noite. Ele mostrou-se extremamente feliz, e vibrava, gritando e pulando, em cada figura.

"Jazz é o esforço constante de levar a música para novas fronteiras"
- Joe Zawinul -

nal de música. "Tomara que este festival perdure pelo menos 500 anos, que é o tempo que eu vou viver", disse.

Hermeto explicou teoria musical ao seu modo, para dizer que havia alterado a harmonia e o ritmo de *Libertango*, música de Astor Piazzola que ele viria a tocar.

O neto do mago, um pianista de apenas 21 anos, bastante aplaudido durante o show com Hermeto, também arrasou no Festival, mostrando com certeza que ele tem a quem puxar.

CHAVE DE OURO

A primeira atração da noite foram os argentinos do Rosario Jazz Quarteto. O estilo *cool* do Be Bop argentino chegou a dar sono em alguns apressadinhos, que queriam ver logo a dupla brasileira, o que não impediu que eles fossem aplaudidos de pé ao final do show.

O segundo show ficou por conta do norte-americano Robert Mazurek Quartet. Mazurek conversou bastante com o público numa mistura de inglês e português carregado de sotaque, arrancando risos da plateia. Ele disse que iria tocar uma música em homenagem a "Laguna, Flórida e ao estado de Santa Catarina", que se chama "*Vento sul, vento nordeste, vento leste*".

O teatro estava lotado. Haviam pessoas sentadas nos degraus já du-

rante o intervalo. Problemas em um equipamento que Gismonti iria utilizar atrasaram o início do show. "Desculpem, mas a tecnologia é assim. As vezes o computador perde a memória", disse Naná ao entrar para fazer a primeira música, acompanhado somente de um berimbau. No final dessa música foi aplaudido de pé, e tão insistentemente, que chegou a fazer sinal com as mãos como quem diz "calma pessoal".

Em outra música, tornou-se maestro e transferiu a plateia a tarefa de fazer a música. "Existe um som extraordinário na *rain forest*. É o barulho da chuva caindo no rio, nas folhas", disse. Dividiu a plateia entre o som do rio - o lado esquerdo, que emitia um som grave com a boca - e o som da chuva - o lado direito, batendo palmas. Foi novamente aplaudido de pé.

Em seguida entrou Egberto Gismonti, que tocou algumas músicas ao piano, sozinho. Foi uma mudança bastante radical em relação à música apresentada por Naná.

Quando finalmente os dois sobem juntos ao palco, Gismonti assume um violão de 12 cordas, e Naná reveza-se entre diversos instrumentos percussivos.



Ao final do show, o comentário foi geral: "já acabou?" Apesar de não ter sido curto, a impressão era de que ele poderia ter durado muito mais. Poucos devem ter notado, entretanto, que já eram duas horas da madrugada de domingo. Pela opinião dos maniacos por jazz que frequentaram as quatro noites, este foi, com certeza, o melhor show.

O ZERO conversou com algumas das figuras mais importantes do Florianópolis in Jazz. Acompanhe os melhores momentos.

Nuno Mindelis - O guitarrista Nuno Mindelis chegou à Florianópolis depois de uma turnê pelo Texas, onde lançou o CD *Texas Bound*. "*The Beast*, a fera sul-americana", foi a manchete do *Austin Blues*, jornal especializado em blues, sobre Nuno. Quase todas as faixas do CD foram gravadas praticamente ao vivo com no máximo três ensaios. O trabalho estava realizado em dois dias e mixado em um e meio. "O blues é o primeiro take ou no máximo o segundo", diz. Segundo ele, o reconhecimento no exterior é necessário por uma questão de mercado. "O Brasil em termos de blues

neiro e acabou ficando. Seu navio deveria ir para os Estados Unidos, garantia o vozeirão do *soul* brasileiro. "Isto eu renego definitivamente, essa piada sem fundamento que eu contava", diz. Isto demonstra o estado de graça de Ed Motta com a música brasileira. "A música brasileira é esplendorosa" considera o cantor. Para ele a música do Brasil tem uma sofisticação técnica impressionante. "O samba tem uma melodia que é como a música clássica, como Bach", acredita. Ed Motta

pel", disse Hermeto, que já tem 80 músicas compostas para o seu calendário musical. Os direitos autorais das músicas serão doados a instituições beneficentes e escolas de música. "Foi a minha intuição que fez eu contar isso aqui. Ninguém sabia", garante. Tudo isso para comemorar seis décadas de vida.

Para Hermeto, Santa Catarina e Florianópolis são o "Céu na terra". O músico não esquece a última vez que veio para Florianópolis em 1983, quando junto com Luis

Henrique, músico catarinense, fizeram a peça *Santa Catarina*. O trabalho foi feito junto com pescadores e rendeiras da cidade. "Isto me marcou muito. Todo mundo me pede pra tocar essa música, eu amo esse lugar", confessa. Hermeto formou uma orquestra sinfônica com instrumentistas que ele encontrava na rua e do corpo de bombeiros. "Foi uma festa. Eu achei até um cara que trabalhava no banco e tinha um violino cheio de mofo. Quando o cara começou a tocar, ele até conseguia improvisar!", conta.

Naná Vasconcelos - "Não preparamos um show especial, nós tocamos no dia 30 de junho no Ibirabuera, depois de 12 anos que a gente não tocava junto", foi a primeira coisa que Naná disse. "Em 80 foi a primeira vez que a gente tocou junto num Festival, com a banda dele, e eu fiz um aparte", conta Naná. O primeiro encontro dos

dois foi em Paris, onde Egberto Gismonti havia ido comprar uma guitarra. Ele estava se preparando para uma turnê na Europa. Mas os músicos de Egberto não foram liberados para tocar na Europa e surgiu a idéia de tocarem juntos. Há doze anos atrás eles tocaram juntos pela última vez numa turnê pela Índia, Japão e Austrália. "Mas nós ainda estamos com tudo isso fresco. Nós somos justamente os opostos. Um veio da rua e o outro do conservatório", acredita. Empolgados com o reencontro, Naná e Gismonti já agendaram, após o festival, shows em 20 cidades europeias. Para Naná o músico brasileiro é intuitivo, assim como o jogador de futebol. "Nós perdemos no futebol depois que tentamos ser europeus".

Hermeto Pascoal - "Eu estou escrevendo uma música por dia. Se não consigo, no dia seguinte faço duas. Já cheguei a fazer até três. O importante é escrever e colocar no pa-

pel", disse Hermeto, que já tem 80 músicas compostas para o seu calendário musical. Os direitos autorais das músicas serão doados a instituições beneficentes e escolas de música. "Foi a minha intuição que fez eu contar isso aqui. Ninguém sabia", garante. Tudo isso para comemorar seis décadas de vida.

Lúcio Limbranco
Sílvio da Costa
Sílvio da Costa
Marina Moros

Bandas

Rock

Barão Vermelho
ALEM DA LENDA

Com 15 anos de estrada a banda carioca sofreu altos e baixos. Agora ela volta às paradas com a regravação de antigos sucessos da MPB

Hoje, depois de fazer muito rock, a banda resolveu regravar sucessos de cantores como Bezerra da Silva, Luis Melodia, Rita Lee e cantores da Jovem Guarda, misturando samba e rock, tudo no estilo Barão. As 11 músicas escolhidas para o disco *Album*, fizeram muito sucesso na época em que foram gravadas originalmente e qualquer um sabe cantar pelo menos o refrão delas. No entanto, para chegar ao produto final, houve muita discussão. "Como é o nosso último disco de contrato nessa gravadora (Warner), a gente não queria passar a ideia de estar fazendo um disco pra ir embora" diz Frejat.

Mas a grande novidade deste último disco fica por conta da faixa interativa, que ainda era uma coisa inédita no Brasil. A faixa tem doze minutos de duração, mas o usuário pode ficar horas se divertindo com as piadas e as brincadeiras. A criação foi por conta do Núcleo de Arte Eletrônica da Puc do Rio de Janeiro. A ideia partiu do técnico de som da banda e do baterista Guto, que

trabalham muito com informática e ficaram empolgados com a novidade do cd-room. Em tempos de unificação mundial, o Barão se preocupa em continuar fazendo músicas bem brasileiras, que tratam dos problemas brasileiros. "Num momento de globalização,

quando o rock está mais localizado, você fica, talvez mais forte você se torne; porque você fica essencial naquele lugar cada vez mais" diz Frejat.

Como é trabalhar com o recurso da faixa interativa?

Frejat - O trabalho ficou muito mais legal do que eu imaginava que poderia ficar. Eu acho que a nossa faixa comparada com a dos Stones (do cd *Stripped*) dá um banho, numa boa. Mas é uma mídia que a gente ainda não domina muito. É uma coisa que abre mais um vínculo da banda com o público. Você pode dar uma entrevista, ler o processo de ensaio de uma música inteira gravado, pode botar um clip, ou então, abrir o disco falando: olha, este disco é pra ser escutado assim, tarara, tarara... Tem muitos caminhos que ainda vão poder ser usados.

O Barão sempre foi um grupo de rock, este disco novo, *Album*, tem um som bem mais pop, por que?

Frejat - Esse disco funciona como um momento novo dentro da história do

Barão, O estágio que a gente chegou em termos de simbolizar a coisa do rock, no Brasil, já se esgotou. Tem todo um universo musical, que a gente conhece, coisas, que a gente gosta, intimas

mais amplo. Antes o pessoal que ouvia Barão era mais ligado ao rock, vocês não têm medo dessa comercialização?

Frejat - A gente não tem da comercialização pelo

uma coisa engraçada, porque a gravadora não deu um resultado pra gente durante não sei quantos discos, quando chegou no último do contrato, a gente teve o resultado. Fernando-Acho que este disco concretizou uma coisa: o público compra o disco. Acho que antes as pessoas só iam aos shows do Barão, não compravam os discos.

Qual o papel da MTV hoje na música brasileira?

Frejat - A melhor MTV do mundo é a brasileira. Não só em termos de repertório, como de abertura para coisas novas. A MTV americana é extremamente conservadora e a européia talvez um pouco menos, porque o europeu é um povo menos conservador. Mas a MTV brasileira é melhor do que todas essas, talvez ela seja muito mais aberta que a rádio. Os Raimundos, por exemplo, talvez não teriam acontecido sem a MTV.

O que vocês estão achando da produção musical que está sendo feita no Brasil?

Frejat - O Brasil vive um pop muito mais fértil, mais criativo do que o pop internacional. Eu estive nos USA e na Europa e não vi nada lá que me interessasse. Esta geração Raimundos, Pato Fu, Chico Science, Planet Hemp é muito criativa. Tem muita coisa boa acontecendo. E isso pra gente é muito bom, quanto mais gente tiver é melhor, porque esse lance de disputa de mercado é problema das gravadoras. A gente tem que fazer o nosso trabalho e apreciar o dos outros. A gente faz música, e isso é uma expressão artística, não temos que nos preocupar com o mercado, temos que apresentar nosso trabalho da melhor maneira possível.

Como é o relacionamento de vocês com a gravadora?

Frejat - A gente estava com uma relação meio insatisfeita com eles, porque a gente achava que tinha um público muito maior do que a quantidade de discos que se vendia. Este disco, *Album*, de uma certa maneira está fazendo jus ao público que o Barão tem de show. Mas ficou

que a gente curte, que de repente não são só roqueiras. Daí surgiu a necessidade de colocar isso, até pra banda não ser vista de uma maneira unidimensional. Acho que os próximos discos vão seguir neste rumo.

Então o Barão vai mudar o seu estilo daqui por diante?

Fernando - Nós somos músicos, e eu acho que isso é uma coisa muito ampla dentro da gente. Gostamos de música africana, indiana, européia, rock, música brasileira... A gente fica se rotulando, mas na verdade tudo é música. Acho que se no próximo disco a gente quiser botar instrumentos estranhíssimos, a gente vai usar isso.

Agora vocês tem um público bem



Ficha técnica.
Roberto Frejat: vocal e guitarra
Fernando Magalhães: guitarra
Guto Goffi: baixista
Rodrigo: baixista
Peninha: percussão

PRIMAVERA • NOS • DENTES

O PARTO DO CD

A banda catarinense lança seu primeiro CD e mostra que não é só de covers que se vive

Depois de seis anos de estrada, o Primavera nos Dentes dá o passo mais importante da carreira, com o lançamento do primeiro CD. A banda está esperando "O Parto" chegar às lojas para marcar o show de lançamento do disco no CIC.

"O Parto" aconteceu sem nenhuma complicação. Gravado no Estúdio Criative Sound's de São Paulo, durante o mês de março, o resultado final surpreendeu os "genitores". "Nós já tínhamos os arranjos das músicas definidos e gravamos rápido. Para 190 horas de gravação, o disco ficou legal", conta Joe (voz e percussão).

Os membros do Primavera são unânimes em dizer que o disco de estréia só foi possível com a iniciativa da Cia da Cultura. "O Parto" foi o primeiro lançamento de uma cooperativa que reúne 10 bandas de Florianópolis no selo Micróbio Gravasons. "Com este projeto, o cenário musical de Floripa vai mudar, com certeza", prevê Ney (voz e harmônica).

Enquanto o disco não chega às lojas, a banda ensaia o show de divulgação do CD. O repertório conta com as 12 músicas do disco, cinco que ficaram de fora - como as conhecidas "Andréia" e "As Flores" - e nenhuma cover. "Os discos já estão chegando de São Paulo e, provavelmente,

estarão a venda ainda neste mês. Ai a gente faz o show de lançamento, no CIC, e sai para divulgar", adianta Joe. Os primeiros shows da turnê "O Parto" acontecem em Blumenau, Itajaí e Criciúma. Depois a banda pretende divulgar o CD em outros estados brasileiros.

A falta de espaço para bandas e músicos em Florianópolis já desanimou a galera do Primavera nos Dentes. "Não existe vida noturna aqui. No verão até abrem alguns bares, mas fecham quando acaba a temporada", lamenta Ney.

Até o ano passado, a banda tinha planos de se instalar em São Paulo, para manter maiores contatos com o resto do Brasil. "Agora nós amadurecemos esta ideia. Vamos sair de Floripa só para tocar e depois voltar. Mas se aparecer contrato com alguma gravadora que valha a pena, beleza", diz Joe.

Ramiro Pissetti

Uma fide do Primavera nos Dentes disse que, quando ouviu o nome da banda, imaginava uma boca cheia de flores. Na verdade, o nome foi tirado da música homônima dos Secos e Molhados. Ney, vocalista e guitarrista, explica: "O nome foi escolhido num dos nossos primeiros shows, em 90. A gente foi tocar em um festival e, antes do show, precisava escolher um nome para ser anunciado quando a banda entrasse. Primavera nos Dentes foi o primeiro que veio na cabeça. E ficou".

"O Parto"
Micróbio Gravasons

Desde o início da carreira da banda, Ney (voz e harmônicas), Márcio Pacher (guitarra e violão), Ali Empaléa (voz e violão), Carlinhos (guitarra), Rogério Rodrigues (baixo), T.D. (bateria) e Joe (voz e percussão) decidiram que fariam músicas próprias. Mas, para aumentar o repertório e entrar em cena, o Primavera tocava covers nos primeiros shows. De Santana, Doors, Rolling Stones e Beatles a Mutantes e Secos e Molhados. Essa riqueza de influências se reflete em O Parto.

Blues, funk, MPB, rock, ritmos nordestinos e mais alguma coisa passeiam pelas 12 faixas do CD. A batida funk de "Sangue de Veludo" e "O Ventre" se contrapõe com os blues tradicionais, como "O Vagabundo" e "Meloso Blues". Em "Solidão", a banda faz um casamento incomum entre harmônica e guitarra com Cry-baby.

Quem ouviu a demo Psicomato, de 95, vai notar um certo aperfeiçoamento no som da banda. Prova disso são "Don't You Leave Me So Down", "O Vagabundo" e "Psicomato", classificadas no Skol Garage Band do ano passado, com arranjos e backing vocals melhorados. Sem dúvida o parto é um disco de estréia acima da média.

Variedades



Produtoras

Cultura + Turismo

Em busca de uma globalização as produtoras de Florianópolis investem nos shows e botam pra quebrar nos megas eventos

Globalização do turismo, essa ideia de alguns dos produtores de shows de Florianópolis, promover festivais de música que tragam pessoas de todo o estado transformando a capital turística numa capital de eventos. Parcerias entre a secretaria de turismo e produtores, envolvendo hotéis, bares, boates e comércio. Investir nos eventos como forma de trazer turistas para a capital, turistas que não venham só pelas praias, já que o verão dura apenas três meses. Buscar novas alternativas de renda para a baixa temporada. A ideia seria promover grandes shows, nacionais e internacionais, que atraíssem o público do interior oferecendo pacotes com estadia, ingresso do espetáculo e convites

Produções, acredita que assim a cidade saíra ganhando. "A atração não será só a praia, o dinheiro gasto pelos turistas vai ficar na cidade. A ideia é capitalizar os recursos, trazer pra capital", completa Fran.

Eveline Orth, produtora cultural da Aqui Jazz Produções e Eventos, também acredita que a solução está na globalização do turismo. Segundo ela, Florianópolis não é uma cidade que tem uma regularidade de eventos, principalmente por falta de iniciativa privada e parcerias entre produtoras e órgãos de turismo. Uma das dificuldades enfrentadas por todos os produtores é a falta de casas de shows na cidade. "Um meio termo entre o Ilha Shopping e o CIC" diz Fran. Para Eveline que produz shows como os de Ney Matogrosso, Leila Pinheiro, Toquinho, Zimbo Trio e outros, a situação é ainda mais difícil, "esses shows não são para lugares tão grandes quanto o Ilha Shopping e ficam restritos a dois lugares, o CIC e o TAC. Isto porque não existe em Florianópolis, uma casa de show como o Canecão do Rio de Janeiro, ou o Olympia de São Paulo, que são lugares ideais para a realização de um show" acrescenta Eveline.

A PRODUÇÃO

Tudo começa com telefonemas e contatos com os artistas. Todo produtor tem uma agenda telefônica recheada de nomes importantes. A alma do negócio é ter o nome limpo

na praça. Isso quer dizer, que um bom produtor deve ter total credibilidade com todos os empresários e artistas.

Além disso, são eles que fazem toda a parte de conseguir patrocinadores e apoio da mídia para a realização dos eventos.

Depois de tudo isso vem a pré-produção, que vai desde a contratação de seguranças até a verificação dos equipamentos cinco minutos antes de começar o show. Os produtores são os responsáveis pelo perfeito andamento do show. Eles cuidam de todos os detalhes ao mesmo tempo: iluminação, som, segurança e qualquer coisa que aconteça de errado. "No primeiro Rock'n Rio, no meio de um dos shows, um dos refletores começou a pegar fogo. Fiquei apavorado e corri pra apagar o que poderia ter se transformado num incêndio. Eu sei o que é efeito especial, o público não, eles acham que tudo é normal, que é alegoria" conta Fran, que participou da organização do evento.

DIFICULDADES

Pela primeira vez em Florianópolis, foi realizado um festival de jazz, o Florianópolis in Jazz (vide matéria), e uma das produtoras do evento é Eveline. A produção do evento exigiu da produtora coisas que ela nunca tinha feito antes, como organização de vistos para artistas estrangeiros, aluguel de equipamentos e outros.



"A gente teve que convencer um empresário a comprar um piano de qualidade, que a cidade não tinha, e alugar o instrumento" diz Eveline.

Produções. Segundo ele, o problema não está na receptividade do público, e sim na falta de poder aquisitivo deste.

O PÚBLICO

O Florianópolis in Jazz foi um evento de grandes dimensões, com um custo altíssimo e de grande risco, já que não se tinha a menor ideia de quantas pessoas participariam do festival. Mesmo a cidade não tendo uma tradição forte de jazz, a produtora apostou no glamour deste estilo musical, que atrairia as pessoas, "o jazz é chic" brinca Eveline. Ela acredita que 50 por cento do público é formado pelas pessoas que gostam da música, 30 por cento vai ao teatro por causa da mídia e 20 por cento "vai no embalo da festa".

Entre os jovens, Fran acredita que o estilo predileto em Florianópolis é o reggae e o rock. "Todos os estilos têm espaço na Ilha, desde o pagode, sertanejo até o rock pesado" afirma Sérgio, empresário da Beto

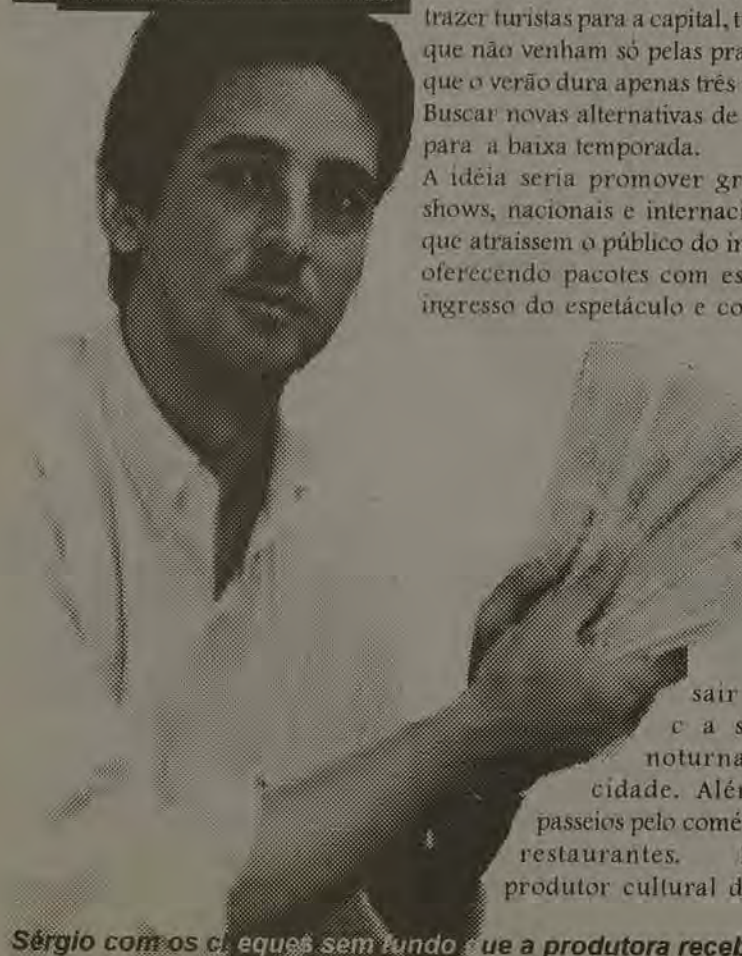
CALOTES

Uma das preocupações constantes dos produtores é realizar os shows no início do mês, quando todos recebem o salário e estão "animados" para gastar com lazer. Por causa do grande número de cheques sem fundo, alguns produtores decidiram não trabalhar mais com cheques.

Segundo Fran, Florianópolis é a capital internacional do convite. "Como a cidade é pequena todo mundo se conhece. Se você dá cortesia pra um, vem mais três amigos querendo também" diz ele. O número de cortesias por show, chega a dez por cento da quantidade de ingressos postos a venda.

Beatriz Prates
Fátima Pissarra

Fátima Pissarra



Sérgio com os cheques sem fundo que a produtora recebeu

para sair nas casas noturnas da cidade. Além de passeios pelo comércio e restaurantes. Fran, produtor cultural da Ice

Música

ITALIA É VIVO O TITÃS DO PASSADO

Florianópolis neste segundo semestre foi invadida por shows da pesada e um dos nomes conhecidos que também compareceram foi o grupo Titãs, com novo show do disco "Domingo" (95). O show é totalmente diferente do anterior, que tinha como base as músicas do disco Titanomaquia (93), que seguiam uma tendência de um som mais pesado. "Nós tentamos tornar o show mais acessível", diz Nando Reis, baixista, vocalista e compositor da banda, considerando que antes o público era mais restrito. Este show tem um repertório mais eclético, que resgata antigos hits da banda. Sucessos que não eram tocados há mais de dez anos, como "Sonifera Ilha" e "Querem Meu Sangue", (recentemente regravação pelo grupo Cidade Negra), aparecem novamente.

Esta mudança toda ocorreu depois da parada de um ano que os Titãs fizeram em 94 para "refrescar suas cabeças". Quando entraram no estúdio para gravar Domingo eles estavam com uma nova mentalidade: "Decidimos resgatar nossa popularidade", revela o baixista. Segundo ele as mudanças no estilo de som dos Titãs tem uma única razão, "são céus, as coisas acontecem de acordo com um interesse e acabam com o esgotamento desse interesse".

PÚBLICO
Mas mudanças constantes na sonoridade de um grupo, pode provocar o afastamento do público, e isso poderia trazer prejuízos à gravadora que consequentemente pressionaria o conjunto para que continuasse com uma certa linha musical. Nando garante que isso não acontece en-

tre os Titãs e a Wea, e afirma que a banda tem total liberdade para criar. A liberdade é tanta que no disco Domingo existem duas músicas diferentes, "Vamonos" em espanhol e "Ridi Pagliacci" em italiano. O que alguns críticos não demoraram a dizer que faria parte de uma estratégia para conquistar o mercado latino americano, mas Nando desmente. Para o fim do ano ou começo do ano que vem eles já estão pensando em gravar um novo álbum, que pode ser até um disco ao vivo, complementa o vocalista.

A gravadora dá liberdade para que o grupo possa tocar as músicas que quer independente do tempo!

Rodrigo Faraco

Teatro

O CAUSO DO MANÉ

Dejair e Valdeci conversam num barzinho da Costeira do Pirajubaé...

D: - Ó-lhó-lhó, Valdeci. Tú não sabes ondi ó fui tresontontel?
V: - Disimbucha logo, Istepô!
D: - Fui lá no treatrinho da USC.
V: - Naonde?
D: - Lá na falcudade...
V: - Mas tens tempo!!! Que qui tú fossi fazê lá?
D: - Fui vê uma pecinha.
V: - Daquelas qui us artista ficu lá na frente falandu?
D: - Não istrova co vô ti contá. Ô tava isperandu as lugi si apagá quando intrô ums tális de Dona Bilica e Seu Maneca, da

Barra da Lagoa. Ai eles fizeram a táli da pecinha, né. Dispôs ô fui lá falá cun eles. O poblema é qui eles não tinhu sutáqui daqui não, intendessi?
V: - Mas eles não éru da Barra da Lagoa?
D: - Eles éru artista, né seu lansol! Nem u chamadó deles é u mesmo, sabias? A Bilica é Vanderléia Will e o Maneca, Geraldo Cunha.
V: - Vai degavar co não tó intendendu nada.
D: - É u siguiinti: eles tão fazendu pecinha num táli di Grupo Atormenta, qui tem uns sês anos. Ai eles resolveru imitá us manezinhos, prá preservá us nativu daqui da Ilha Capitáli.
V: - Preservá?
D: - Sapucadiquê? Nóis tamu in ixtinção,

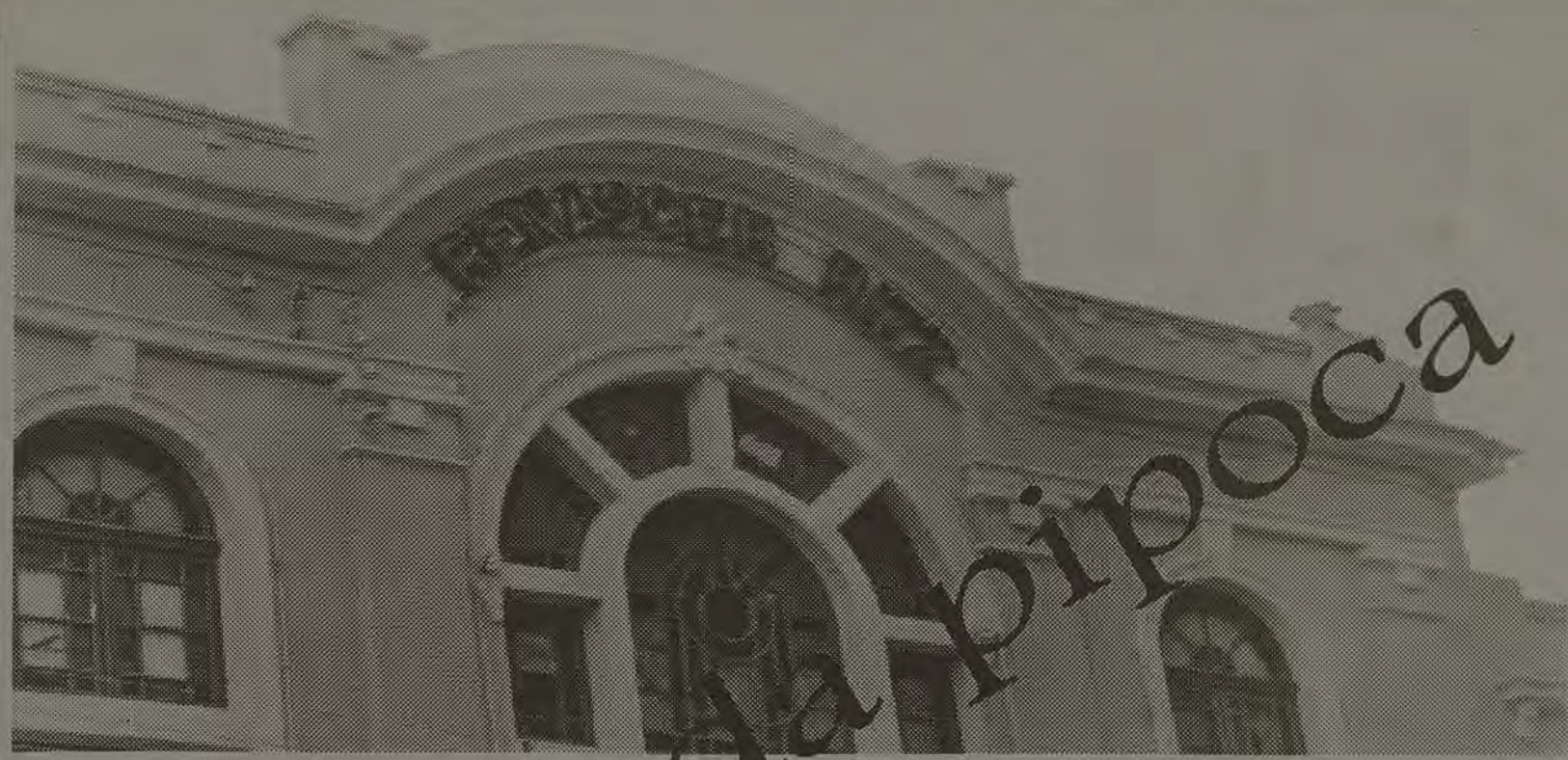
sabias?
V: - Só si tu tás. Ô não tó.
D: - Vem cá. Teus bacuri têm sutáqui di manezinho?
V: - Não.
D: - Intá. É por isso qui eles tão fazendu essa pecinha. Prá qui us nativu, comu us nossus guris gosti du nossu sutáqui, intendessi?
V: - E esses artista são gauncho?
D: - Ah é. Arrombassi, Layla!!! A Vanderléia é manezinha da Trindade e o Geraldo, do Saco Grande.
V: - E comu qui eles aprenderu u sutáqui?
D: - Eles lêru munto, u Geraldo tem família manezinha, já morô na Lagoa i tudu. Eles estudáru um monti prá fazê essa pecinha.

-Silêncio-
D: - Que qui tás ai ajojado...
V: - Ô nunca ia pensá qui alguêm podia istudá prá sê mané... Ô achei qui já si nascia sabendo.
D: - Pois intá. E tú sabes qui eles fazi também a pecinha nus ômbus, nus coléju, in qualquer lugari.
V: - E u pessuáli qui assisti?
D: - Eles si miji di ri.
V: - E tú rissi?
D: - Tás tolo. Ô si ri. Eles contu ums causo qui tu não ti guenta... Eles cantu a Ratociera e tudu!
V: - A Ratociera também? Prá que tudu issu?
D: - Prá preservá a gente, desinfeliz!
V: - Ah, si é prá permanecê eas tradiçons, entá tá dez!!!!!!

Renata Lago

GLOSSÁRIO	Naonde? - aonde?	"estorvo"	Sapucadiquê? - Sabe por causa de que?	grandiosas, verdadeiras ou não, usada como elogio ou afronta, ou mesmo os dois juntos	Ratociera - canção e dança típica da ilha
Tresontonte - antes de ontem	Tens tempo! - expressão usada para dizer que uma pessoa não tem muito o que fazer, que inventa coisas inúteis, desnecessárias	Lugi - luz	Bacuri - filho	Ajojado - quieto	Desinfeliz - intéliz
Istepô - expressão utilizada para dizer que uma pessoa não é coisa boa, geralmente utilizada de forma carinhosa	Istrova - atrapalha, complica. De	Táli/tális - tal	Gauncho - gaúcho	Pessuáli - pessoal	Tradiçons - tradições
		Tanso - tolo, bobo	Arrombassi, Layla!!! - expressão usada para comentar realizações	Miji di ri - "morrer" de rir	*Retrato de "Dicionário da Ilha", de Fernando Alexandre
		Chamadô - nome			
		Ilha Capitáli - Florianópolis			

Cinema



O Cinema tradicional perde cada vez mais seu espaço e se rende à era do Shopping Center. Florianópolis como todas as cidades contava com muitos deles. Alguns mesmo deram lugar às igrejas evangélicas

Cinemas Antigos

Saudades da Pipooca

os últimos três anos, tem ficado mais dois cinemas que funcionavam no centro de Florianópolis, o Cine Ritz e o Cine Rex. O José Alencar, o falta de público os dois deram espaço a igrejas evangélicas. Mas ao mesmo tempo, três novas salas de exibição foram inauguradas, no início do ano, no Shopping Itaguaçu, colocando em dúvida a suposta falta de espectadores.

Em Florianópolis, existem atualmente oito cinemas, seis deles são dentro de shoppings (três no Beira Mar e três no Itaguaçu), um único que ainda vive no centro, atrás do prédio da prefeitura, o Art 7, e o último deles que funciona no Centro



Perto de virar museu

Video

Efeito raro e curto!

Locadora que mais sai do padrão pode deixar a cidade ainda este ano

Conhecida por manter o melhor acervo de filmes da cidade, a locadora de vídeo Raro Efeito está na eminência de fechar as portas e alocar um "theat" em uma história de sucesso de quase três anos. Cinema mudo, francês, alemão, italiano, inglês, hollywoodiano, russo, brasileiro, clássico, cult e alternativo. São mais de três mil títulos que estão prestes a ser comprados pela Universidade Federal de Uberlândia (MG).

Inaugurada em abril de 1994, a Raro Efeito começou com um acervo de menos de mil filmes. Mesmo instalada num lugar não muito ideal para uma locadora, no terceiro andar de um prédio antigo no centro da cidade, a locadora cresceu rapidamente, contando hoje com mais de 1.500 clientes. Mas, a história que ia bem começou a mudar de rumo no final do ano passado. Segundo Carlos Eduardo Valente, um

dos proprietários, o movimento da locadora começou a cair em outubro de 95. "Acreditamos primeiramente que a queda era devido a chegada do verão. Mas as férias acabaram, e o movimento continuou o mesmo", conta Valente. Diante da crise, até mesmo os preços das locações foram reduzidos, de quatro para três reais, mas não surtiu efeito. Localização - Os proprietários acreditam que a grande causa da crise é o baixo poder aquisitivo do florianopolitano. "O nosso problema não é que os clientes foram embora, o problema é que aquele cliente que levava três filmes, no final de semana, hoje leva um. Com toda essa crise no funcionalismo público, tudo isso se agravou" explica Valente. Ao contrário de Valente, que não admite essa hipótese como a principal, muitas pessoas alegam como motivo para a crise, a localização da locadora.

"Um problema é o lugar. Meta-

de da cidade não conhece a Raro Efeito. Eles tinham que aliar o acervo maravilhoso com um ponto comercial visível, assim eles iriam locar para os clientes que já conhecem a locadora e para aquela pessoa que passasse na rua e entrasse por curiosidade", diz Vanessa Pedro, cliente da locadora. Dominique Vetrin e Carlos Eduardo Valente pensaram na possibilidade de mudar a locadora, mas, segundo eles, o preço de imóveis em outras localizações é superior ao preço do local onde está instalada.

Entre os três mil filmes que a Raro Efeito possui, mais de 350 são brasileiros, o que é um verdadeiro record comparado com o acervo de uma das maiores locadoras de vídeo de Florianópolis, a Vídeo Cidade. Dos 20 mil títulos que a locadora tem, apenas 200 são de produção brasileira. Outros 10% do acervo são tomados por filmes clássicos e europeus, o que totaliza quase 18 mil títulos com produção norte-americana.

Fora de circuito - Na Vídeo Cidade o movimento também diminuiu consideravelmente. Segundo a funcionária Grace Fiala, no ano pas-

mais grã-fino de todos os tempos em Florianópolis foi o Cecomtur, que funcionava onde é hoje o prédio do Tribunal da Justiça. Lá as sessões mais concorridas eram as de quinta-feira e domingo e muitas vezes as pessoas tinham que reservar ingressos com antecedência. No continente também existiram grandes cinemas, como o Cine Império e o Cine Glória (ex Ralisco e Scala). E todos eles tiveram o mesmo fim, acabaram esquecidos e fechados.

Sonho - Este ano o Art 7 vai completar dez anos de existência, sempre funcionando no mesmo local, atrás do prédio da prefeitura. O cinema nasceu de um sonho de infância de Darci Costa, um dos donos, que jurava de pé junto "não morro antes de ter um cinema". A persistência foi tanta que desde 86 a sala funciona de segunda a segunda, mesmo que não tenha público. "Tem mês que eu tenho que tirar dinheiro do meu próprio bolso para manter o cinema", explica o proprietário, quando fala que o Art 7 não dá lucro e só não fecha porque não precisa pagar aluguel para a prefeitura. "Não dá para viver do cinema, ele ainda está aqui por amor a arte", completa Darci.

Darci se diz decepcionado com a juventude de hoje. Apesar do desconto que dá para estudantes, eles quase não aparecem. Na opinião de Darci a televisão e o vídeo cassete não são desculpas para não ir ao cinema, "quem curte cinema quer ver o filme em tela grande, nada substitui a tela." O Art 7 está preparando um programação especial para comemorar os seus dez anos e promete que ainda vai funcionar por muito tempo, pois sempre vão existir admiradores da sétima arte.

Cine Clube - Gilberto Gerlack foi o fundador e o atual diretor do cine clube Nossa Senhora do Desterro, aliás esta é a história da sua vida. O Cine Clube da Engenharia foi fundado por Gerlack em 1968, na UFSC, nesta época ele promovia exibições de películas 16mm no prédio do Básico e os filmes exibidos eram na maioria faroestes. Em 1972, Gerlack inovou com a primeira mostra de Cinema Expressionista Alemão de Florianópolis, que foi um sucesso.

Com sete anos de existência o cine clube foi rebatizado, carregando até hoje o novo nome. As exibições deixaram de acontecer só na UFSC e auditórios foram alugados para exibir filmes por toda a cida-

de. Em 1984, o Cine Clube Nossa Senhora do Desterro passou a fazer parte do Centro Integrado de Cultura - CIC -, onde funciona até hoje.

O cinema do CIC, como é conhecido, exibe filmes ditos alternativos, ou seja fora do circuito comercial, na grande maioria europeus. Gilberto acredita que seu público quer ver o que não passa no shopping, "e nem me interessa atrair as pessoas que frequentam estas salas, elas não têm nada a ver com a minha proposta de cinema", completa. Os amantes da arte cinematográfica podem ficar sócios do cine clube por um período de seis meses, o preço é de \$40,00 reais para estudantes e de \$80,00 reais para os demais. Com a carteirinha o acesso é livre para todas as sessões do semestre. O Cine Clube promete exibir no mínimo quarenta filmes a cada seis meses. Arquivo vivo - Seu Osmar começou a trabalhar aos dez anos de idade, ajudando o seu pai que era cineamatográfico (pessoa que operava os projetores de filmes). Aos quatorze anos com a morte do pai ele assumiu o posto oficial de operador, no Cine Central. Depois disto trabalhou em quase todos os cinemas da cidade, Cine Royal, Odeon, Rex, vivendo todas as transformações do cinema, de mudo a falado, colorido, tela panorâmica e daí por diante. Ele se aposentou em 1990, depois de setenta anos de trabalho, quando já era técnico das cabines no Ritz.

Daquela época ele sente muitas saudades e tem muitas histórias para contar. Apesar de já ter assistido a um número incontável de filmes, continua frequentando o cinema. "Eu tenho TV a cabo em casa, mas já vi toda o programação de filmes deles", explica Seu Osmar, divertindo-se. Ele confessa que algu-

Cena cada vez mais rara



mas vezes fica com preguiça e aluga um filme para assistir no vídeo cassete, mas enfatiza que "dependendo do filme não dá para ver na tela pequena. Já imaginou ver ...E o vento levou ou Tornado sem ser no cinema, não dá."

Seu Osmar diz que o cinema melhorou cem por cento, principalmente para o operador, que hoje é chamado de projetorista. Na sua época o operador tinha muito mais trabalho. Os projetores no começo eram manuais e o operador tinha que revisar as películas, fazer remendos, trocar os rolos na hora da exibição e rodar a manivela. Hoje é só apertar um monte de botões e o filme vem todo em um único rolo grande que não precisa de troca. "O projetorista de hoje não tem nada para fazer, pode até ficar dormindo", diz ele.

Os filmes preferidos de Seu Osmar são Ben Hur e ...E o vento levou, é claro, "pois todo brasileiro gosta de água com açúcar", e olha que ele entende de cinema!



Andrea Marques



Acervo que vale ouro



Cristina Gomes

Marina Moros

Zero Click !

Andréa Marques



Bienal da Fotografia - Curitiba

A produção de fotografia no curso de Jornalismo da UFSC vive um de seus momentos mais intensos. Abaixo, alguns clicks destes loucos fotógrafos e suas lentes maravilhosas.

Beatriz Prates



Avenida Beira Mar Norte - Florianópolis

Solón Soares



Rio Tavares - Florianópolis

Guta Carvalho



Reading - Inglaterra

Guta Carvalho



Reading - Inglaterra